

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

FLÁVIA TATIANI STEINBACH

**EM BUSCA DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE NA LITERATURA
INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2016

FLÁVIA TATIANI STEINBACH

**EM BUSCA DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE NA LITERATURA
INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Profa Me. Camila Serafim Daminelli

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Steinbach, Flávia Tatiani

Em busca da valorização da diversidade na literatura infantil : um estudo de caso na Rede Municipal de Florianópolis / Flávia Tatiani Steinbach ; orientadora, Camila Serafim Daminelli - Florianópolis, SC, 2016.
55 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Literatura infantil. 3. Relações étnico-raciais. 4. Relações de gênero. 5. Educação infantil. 6. Diversidade. I. Daminelli, Camila Serafim. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

FLÁVIA TATIANI STEINBACH

EM BUSCA DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE NA LITERATURA
INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NA REDE MUNICIPAL DE
FLORIANÓPOLIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

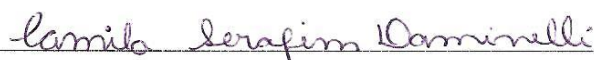
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Camila Serafim Daminelli



Camila Durães Zerbinatti



Vera Fátima Gasparetto

AGRADECIMENTOS

À Secretaria Municipal de Educação por permitir a realização da pesquisa na rede municipal de Florianópolis e por sua disposição em estabelecer diálogos com o meio acadêmico, entendendo a importância da produção científica na solidificação do conhecimento. À creche, pela abertura e pelo entendimento sobre a importância deste trabalho para minha qualificação e atuação pedagógica junto às crianças.

À professora Camila Serafim Daminelli, minha orientadora, que com muita delicadeza e atenção foi abrindo caminhos e ampliando as reflexões tecidas. Suas contribuições foram fundamentais para que esse trabalho fosse possível, obrigada por sua generosidade, disposição e preocupação durante este processo.

Aos meus pais, Elenita e Francisco por suas preocupações e incentivos nessa caminhada. Ao Jeferson pelo apoio em todos os momentos de cansaço e por seu amor.

Ao GDE que me proporcionou expandir muitos conceitos que antes, ou passavam despercebidos no cotidiano institucional, ou eram menos sólidos e/ou lapidados do que eu já posso os encontrar hoje. Atentar para as tantas imagens e ações que reforçam práticas discriminatórias na sociedade, que excluem determinados grupos e os privam da plena participação em sociedade, começou a tocar naquelas feridas que antes estavam “acostumadas” à dormência. O GDE me tornou, sem dúvidas, uma profissional mais atenta e comprometida com as questões sociais e com os movimentos que lutam para o fim das desigualdades e injustiças, mas principalmente me tornou mais “humana”, fazendo todo o cansaço e esforço despendido até aqui, serem pequenos diante da vontade de ser e fazer melhor.

Por fim, gostaria de registrar um agradecimento especial pelo financiamento dado a este Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola na modalidade de EaD da Universidade Federal de Santa Catarina. Através do FNDE, coordenado pela SECADI/MEC na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), foi possível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, além disso, os investimentos que durante os últimos anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Expomos com pesar, que a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, criada em 2004 e que permitiu a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

RESUMO

As questões de gênero e diversidade são demandas recorrentes no âmbito educativo. Supõe-se que o conhecimento a respeito das questões de gênero e diversidade possam viabilizar propostas e discussões fundamentais na prática pedagógica de inúmeros professores e professoras que atuam nas instituições de educação infantil. O objetivo da presente pesquisa será analisar e compreender como estão sendo abordadas as questões étnico-raciais, as relações de gênero e a diversidade na primeira etapa da educação básica, a partir da literatura infantil, observando se tais temáticas estão sendo contempladas pelo acervo bibliográfico de uma instituição pertencente à rede municipal de Florianópolis. Para os procedimentos de coleta de dados foi utilizada análise documental direcionada, já para a análise dos dados o método será o da análise de conteúdo. Existe uma suspeita de que as questões étnico-raciais e das relações de gênero são pouco abordadas no trabalho pedagógico dos professores e professoras, que muitas vezes priorizam outras temáticas em suas ações junto às crianças. Um acervo literário com diversos exemplares que abordem questões referentes ao multiculturalismo poderia auxiliar na construção de processos educacionais consistentes.

Palavras-chave: Literatura infantil; Relações étnico-raciais; Relações de gênero; Educação infantil; Diversidade.

ABSTRACT

Gender and diversity issues are recurrent demands in education. It is assumed that knowledge about gender and diversity issues can make feasible proposals and fundamental discussions in the pedagogical practice of numerous teachers who work in child education institutions. The objective of the present research will be to analyze and understand how ethnic-racial issues, gender relations and diversity in the first stage of basic education are being approached from the children's literature, observing if these themes are being contemplated by the bibliographic collection of An institution belonging to the municipal network of Florianópolis. For the procedures of data collection will be used documentary analysis directed, already for the analysis of the data the method will be the one of the content analysis. There is a suspicion that ethnic-racial issues and gender relations are little discussed in the pedagogical work of teachers, who often prioritize other themes in their actions with children. A literary collection with several copies that address issues related to multiculturalism could help in the construction of consistent educational processes.

Keywords: Children's literature; Ethnic-racial relations; Gender relations; Infant education; Diversity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Literaturas analisadas.....	17
Tabela 2 - Literaturas descartadas do processo de análise.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A literatura infantil como ponte de diálogo para a diversidade.....	10
CAPÍTULO 1 - Identificando intersecções e conjecturas de gênero.....	18
1.1 Apreendendo os papéis sociais e as construções de gênero na literatura.....	20
CAPÍTULO 2 - Questões étnico raciais: a busca pela equidade social.....	28
2.1 Negros: em busca do empoderamento nas relações raciais.....	29
2.2 Indígenas: valorizando povos, histórias e culturas	41
2.3 Reflexões sobre diversidade: as pluralidades que nos constituem.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A.....	56
APÊNDICE B.....	58
APÊNDICE C.....	59
ANEXO A.....	60

INTRODUÇÃO

A literatura infantil como ponte de diálogo para a diversidade

As questões de gênero e diversidade são demandas recorrentes no âmbito educativo. Nos últimos anos, a discussão da temática foi impulsionada principalmente pelos embates mobilizados no cerne de movimentos sociais e segmentos que representam grupos tradicionalmente oprimidos e/ou marginalizados. Entendemos que

as políticas de identidade e diferença vêm adquirindo legalidade no cenário brasileiro a partir da promulgação de diferentes políticas públicas, fruto da mobilização de segmentos da sociedade que colocam como prioritário para garantia de direitos sociais e cidadania o tema da inclusão social (KLEIN, p.180, 2010).

Por se tratar de questões tão presentes em nossa sociedade, a valorização das diferenças e suas formas de representatividade precisam ganhar destaque nas pesquisas e discussões acadêmicas. Ampliar o debate e o diálogo em todos os âmbitos educativos é fundamental e a educação infantil – como primeira etapa de educação básica – deve atentar-se a essa responsabilidade.

No campo da educação infantil, diversos documentos de âmbito nacional¹ e do município de Florianópolis² trazem em seus conteúdos questões que aludem à diversidade humana, à valorização da diversidade racial, étnica, religiosa, de gênero, social e cultural. Esses referidos documentos propõem mudanças curriculares no interior das instituições, que tendem a ir incorporando e discutindo conteúdos no sentido de torná-los parte de sua ação pedagógica.

Para estabelecermos novas pontes de diálogo com as questões de gênero e diversidade ainda na infância, tomaremos a literatura infantil como um caminho possível neste trabalho, “uma vez que essa é uma questão política e social que deve fazer parte do processo educativo, trabalhando a favor da formação democrática de cidadãos atuantes no centro de uma sociedade multicultural e pluriétnica” (DEBUS e VASQUES, p.134, 2009).

Para o presente estudo, pretende-se mapear, analisar e compreender de que modo estão sendo abordadas as relações étnico-raciais, de gênero e a diversidade na primeira etapa da educação básica por meio da literatura infantil, a partir de um estudo de caso em uma creche da rede municipal de Florianópolis. Almejamos identificar se as relações de gênero e

¹ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

² Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2010); Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012); Diretrizes Curriculares da Educação Básica da Rede Municipal de Florianópolis (2015).

diversidade estão sendo contempladas pelo acervo bibliográfico, com o intuito de verificar se trazem subsídios para discussões no contexto da infância, a partir do método de análise de conteúdo.

Esta investigação emerge das seguintes perguntas: o acervo literário de uma instituição da rede municipal de Florianópolis contempla as questões de gênero e diversidade? Quais os conteúdos que abordam? De que maneira o educador ou educadora pode tomá-los como instrumentos pedagógicos consistentes?

O conhecimento sobre os recursos e materiais pedagógicos que o/a professor/a tem ao seu alcance é fundamental para a inclusão de novas perspectivas em suas práticas. O acervo literário escolar é um desses recursos, o qual o professor ou professora deve conhecer se deseja contemplar as questões mencionadas.

Supõe-se também que a presença de formações continuadas que abordem a promoção da diversidade humana possa viabilizar propostas e discussões fundamentais na prática pedagógica de inúmeros professores/as que atuam nas instituições escolares. Muitas vezes, a falta de conhecimento somado à insegurança de propor projetos que envolvam a temática pode deixar uma lacuna que dá margem à intolerância, a desinformação e ao desrespeito.

Pondera-se a importância de ampliar diálogos e instigar as crianças a pensar sobre a valorização das diferenças, promovendo o respeito à diversidade humana e contribuindo na construção de um processo educativo consistente; a literatura neste sentido seria um meio de potencializar tais discussões na primeira infância, pois é nesta fase que a criança irá “intensificar suas relações sociais através do contato com o outro e com a cultura, e estará internalizando normas e valores” (TELES, p.4, 2008).

O gênero literário destinado para o público infantil é recente, segundo Felipe e Ferreira (2011). Tendo surgido a partir de mudanças histórico-culturais sobre o sentimento e concepções acerca da infância, através dele se evidencia que a criança passou a ser considerada diferente do adulto, que requer cuidados, mediação e linguagem específicas. Em síntese, as transformações do século XX impulsionaram essas mudanças em diversas instâncias sociais e uma nova imagem da infância atraiu a atenção para uma série de especificidades próprias a esta fase da vida. Além da literatura infantil, políticas públicas de promoção de direitos também foram criadas, as quais tiveram como pauta o respeito à diversidade, à pluralidade e às questões de classe, gênero, raça, etnia, geração, sobretudo após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990.

De acordo com os autores Felipe e Ferreira (2011), a literatura infantil pode ser compreendida como um elemento cultural que representa uma sociedade - situada em certo tempo e lugar - e por este motivo, está imbricada em um processo social de significação e ressignificação. A literatura também pode fornecer certas representações a respeito dos sujeitos que estão inseridos nesta cultura, a partir de uma perspectiva apresentada pelo ponto de vista do outro (BARREIROS, 2010). Nesse sentido, o leitor poderá buscar aproximações ou se afastar daquilo que lhe é representado.

Juntamente com a brincadeira, a literatura infantil forma um dos eixos norteadores da Educação Infantil. É a partir dessas linguagens que a criança amplia a imaginação e a ludicidade. Por meio da ótica da literatura portas se abrem para o novo, o desconhecido, o fantasioso e o real. Os livros também nos transmitem, através de seus enredos, valores, condutas, moralidades e comportamentos:

O cenário contemporâneo revela outras autorias e a escrita feminina é potencializada, novas identidades são desveladas e empoderamentos são requisitados. Personagens femininas aparecem querendo não apenas ser princesas e, sim, almejando serem donas das suas vidas e poderem ocupar qualquer espaço social. O considerado marginal agora almeja ser central, texto com enfoque na identidade étnico-racial, na autoafirmação e aceitação de si são escritos, aparecem negros querendo sair do anonimato e inferioridade para assumir a posição positiva e afirmativa de personagem principal e de escritor da história, em suma a contemporaneidade é marcada pela escrita de novas narrativas. A literatura tornou-se palco das tentativas de representações identitárias sejam elas sociais, de gênero ou étnicas (SANTOS e AMPARO, p. 4, 2014).

Parte-se do pressuposto de que as questões étnico-raciais e das relações de gênero são pouco abordadas no trabalho pedagógico de professores e professoras, que algumas vezes priorizam outras temáticas em suas ações junto às crianças talvez por falta de conhecimento ou insegurança em abordar conteúdos relacionados à diversidade. O desconhecimento de literaturas adequadas, que contemplem tais questões no âmbito educativo, inviabiliza em parte o debate sobre a diversidade na primeira infância e a possibilidade de empoderamento das crianças diante das desigualdades que as cercam.

O interesse pela temática se deu por considerar esta uma questão pouco trabalhada no cotidiano infantil. Uma das hipóteses dessa ausência talvez seja o fato de professores e professoras não se sentirem preparados para colocar em prática o que, em tese, lhes falta na teoria, seja na formação inicial, no início da carreira ou na formação continuada já exercendo docência. Tal inquietação e lacuna não preenchida durante a trajetória acadêmica, nos levou a repensar posteriormente na prática, a atuação pedagógica que estabelecemos junto às crianças. Como sujeitos condutores deste processo de empoderamento e de valorização daqueles que

nos fazem professores e professoras, cabe destacar que as reflexões deste trabalho serão tecidas por uma pesquisadora branca, que se posiciona diante da necessidade de produzir discursos em que as crianças possam se perceber e serem valorizadas em sua cor, em suas subjetividades, identidades, relações, em sua classe, cultura, e em seu modo de apreender e dar significado ao mundo.

Trazer discussões a respeito da diversidade e suas diversas facetas já na primeira infância utilizando a literatura como um recurso didático-pedagógico é um grande passo para a promoção da equidade social. Reconhecermos a igualdade como garantia de justiça social e ao mesmo tempo, de valorização das diversidades presentes nos mais variados contextos. Aqui, precisamente iniciando na primeira etapa da educação básica, trabalhar a diversidade tendo por objetivo a equidade social pode apresentar-se medida importante para a garantia de direitos e a cidadania plena de todos os indivíduos e grupos (LIONÇO, 2009).

As pesquisas no meio acadêmico, efetuadas nos últimos anos, demonstram uma preocupação no que diz respeito à ausência ou a não suficiência de literaturas disponíveis nas bibliotecas que aludem à promoção da diversidade étnico-racial (SILVA; SOUZA, 2013). Além disso, também há estudos que abordam a articulação de práticas pedagógicas vinculadas com a literatura, a partir de histórias e livros específicos pautados na diversidade (VALENTE, 2005; COSTA, 2007; ROCHA, 2008; DIAS, 2010; QUEIROZ, 2011). Consideramos que a apropriação literária de obras produtoras de identidade, valorização e inclusão social contribui significativamente para questões acerca da consciência da pluralidade cultural, o que também é pauta de investigação por parte de pesquisadores da área das Ciências Humanas (DEBUS; VASQUES, 2009; TELES, 2008; BARREIROS, 2010).

As questões de gênero também ganham força nas literaturas infantis e nas pesquisas acadêmicas. Joan Scott foi uma das principais pesquisadoras a definir o conceito de “gênero”. A autora defende a ideia de que as diferenças percebidas no comportamento de homens e mulheres não estão relacionadas ao “sexo” como um fator biológico, mas sim ao “gênero” vinculado diretamente à cultura e às relações sociais estabelecidas. A partir das palavras da autora:

O termo gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitações biológicas, como aquelas que encontram denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens tem uma força muscular superior (SCOTT, 1995, p. 75).

Nesse sentido, trabalhar com o conceito de “gênero” torna-se um modo de mostrar “construções culturais” que são criadas sobre os papéis considerados adequados a homens e

mulheres, pois o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e [...] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86).

Esta pesquisa será do tipo qualitativa, já que se pretende analisar as narrativas em profundidade, a partir do procedimento de análise de conteúdo. Consideramos este método eficiente para crítica literária, pois “emerge como técnica que se propõe à apreensão de uma realidade visível, mas também uma realidade invisível, que pode se manifestar apenas nas ‘entrelinhas’ do texto, com vários significados” (CAVALCANTE, CALIXTO e PINHEIRO, p.15, 2014). Desse modo, cabe o olhar atento da pesquisadora para descrever os elementos encontrados, destacando as sutilezas que se apresentam nos conteúdos de uma narrativa e atentando para as subjetividades, suas relações e interlocuções (CAVALCANTE et al, 2014).

Como ferramenta indispensável, utilizaremos também as imagens das literaturas para ampliar diálogos e problematizações, bem como para ilustrar e atentar às reflexões tecidas. Além da linguagem escrita, a linguagem imagética também contribui para a apropriação de sentido do leitor. Na literatura infantil especialmente, as imagens auxiliam o mediador a contar histórias:

Tratada como ilustração, a imagem no livro infantil tem como função ajudar a organizar o pensamento e a entender a informação que está na linguagem verbal. Ela não precisa, necessariamente, acompanhar um texto escrito; pode ter um conteúdo independente. Lúdica, a imagem ajuda na visualização agradável da página; quebra o ritmo em textos longos [...]; apoia a leitura de textos escritos do ponto de vista do enredo, ao construir formas, personagens, cenários, enfim, compõem junto com o texto verbal uma leitura dinâmica (CARNEIRO, 2008, p. 76 e 77).

O campo escolhido para a realização da pesquisa foi uma creche pertencente à Rede Municipal de Educação de Florianópolis, tal escolha foi baseada pelo vínculo da pesquisadora com a instituição de educação infantil, onde exerce a função de professora auxiliar desde o ano de 2015, com crianças cuja faixa etária é a de 01 a 04 anos. Minha trajetória acadêmica iniciou em 2009 na UFSC, onde conclui a graduação em Pedagogia, desde então venho pensando sobre a diversidade nos espaços educativos e relacionando com a prática pedagógica dos professores e professoras nesta primeira etapa da educação básica. O principal desafio no universo infantil é perceber as práticas cotidianas que já estão cristalizadas ou que são reproduzidas, tanto nas relações entre as crianças, quanto nas ações desempenhadas pelos adultos, atentando para a percepção e desconstrução de comportamentos e posturas estereotipadas. Optou-se por desenvolver o trabalho na rede municipal de Florianópolis por considerarmos um campo aberto para a realização de pesquisas e disposto a estabelecer

diálogos com o meio acadêmico, entendendo a sua importância na construção do conhecimento por meio da produção científica.

Pelo fato de o objetivo do estudo tratar do mapeamento das literaturas que abordam as questões de diversidade, das relações de gênero e étnico raciais, a pesquisa foi realizada na biblioteca da instituição. Este espaço é destinado tanto às propostas que abarcam a leitura, quanto às atividades planejadas pelas professoras que envolvam jogos, músicas, brinquedos didático-pedagógicos e recursos audiovisuais, funcionando também como uma “brinquedoteca”.

Em virtude deste estudo utilizar procedimentos de análise documental, não foi necessário a submissão ao Comitê de Ética de Pesquisas envolvendo seres humanos. O projeto de pesquisa foi aprovado pela Gerência de Formação Permanente da Prefeitura Municipal de Florianópolis e autorizado pelo corpo diretivo da instituição de educação infantil, na qual a pesquisa foi realizada.

O processo de coleta de dados teve uma duração aproximada de dois meses, sendo a primeira uma etapa mais breve de mapeamento das literaturas correspondentes ao tema da pesquisa, sendo possível verificar a classificação das literaturas realizada pela própria instituição. A segunda etapa teve duração mais prolongada, na qual foram analisadas pontualmente cada uma das obras selecionadas e criadas categorias de análise para descrição das mesmas.

Como modo de organização, os livros estão separados na biblioteca da instituição por 15 (quinze) categorias, são elas: Diversidade/etnia/gênero; Dia/noite/tempo; Alimentação; Meio ambiente/Reciclagem; Valores; Rimas/Músicas/Poesias/Parlendas; Pouca escrita; Cuidados com o corpo; Sem escrita; Família/Sentimento; Medos/Bruxas/Monstros/Lobos/Sereias; Conceitos matemáticos (Formas e cores); Clássicos; Animais; Formação de professores.

A correspondência entre o livro e a categoria foi realizada pela instituição a partir do enredo da literatura, ou seja, da história que ela apresentava. Em última instância, quando não se conseguia definir o enredo, recorria-se às ilustrações ou ao título da narrativa. Cada categoria possui uma cor específica que pode ser identificada tanto na prateleira onde estão situadas as narrativas quanto nos próprios livros, que possuem uma tarja, colada geralmente na contracapa, da mesma cor. As literaturas ficam dispostas em armários e prateleiras baixas, na altura das crianças com o objetivo de facilitar o acesso das mesmas e proporcionar autonomia na escolha das literaturas.

Esta organização foi realizada com o objetivo principal de facilitar a escolha e localização das literaturas, tanto por parte dos/das profissionais quanto das crianças, porém tal modo de disposição não impede que um conteúdo esteja relacionado a outro, nem garante que tal organização prenda-se às categorias mencionadas, já que uma única literatura pode abordar diferentes temáticas em sua narrativa.

Compreendendo o pano de fundo do nosso estudo, analisamos as literaturas presentes na categoria nomeada “Diversidade/etnia/gênero”. Para a coleta de dados, nos baseamos em uma listagem disponível na biblioteca contendo uma relação de todas as obras descritas com a categoria a qual pertencem; tal instrumento fica disponível no espaço para que os/as profissionais possam consultar e localizar os livros quando há necessidade.

Iniciamos nosso mapeamento identificando as literaturas presentes. De um total de 66 obras, 05 não foram localizadas e 01 estava emprestada. Desse modo foram selecionadas um total de 60 literaturas. Partiu-se de um mapeamento geral das obras para, em seguida, ser excluídas aquelas literaturas que não tinham relação ao tema de pesquisa, e por fim chegamos a três vertentes principais de análise.

Na primeira etapa, com o objetivo de refinar nossos olhares para as questões fundantes do trabalho, as narrativas foram descritas em uma tabela tendo como eixo condutor os seguintes tópicos: Título do livro; Ano; Descrição física (capa e ilustração); Enredo (resumo breve); Personagens (em termos de gênero, etnia, geração); e a pergunta norteadora que auxiliou no processo de escolha das obras: “O livro aborda temas/situações/conflitos de diversidade, multiculturalismo?”.

A partir disso, foi possível realizar a segunda etapa, descartar aquelas literaturas que não abordavam um conteúdo significativo a respeito das relações étnico raciais, de gênero e diversidade. Optamos por excluir também do processo de análise as obras que apresentavam: a) conteúdos de caráter folclórico, como contos e lendas da cultura brasileira, indígena, ou de outros povos, pois apesar de algumas vezes apresentarem superficialmente hábitos e costumes dos mesmos, possuíam em grande parte conteúdos mais relacionado aos valores e aspectos morais de cada cultura, e menos às questões centrais deste estudo; b) Poemas regionais da cultura brasileira, por considerarmos que um gênero textual em versos merece ser analisado com todas as suas peculiaridades e que apesar de abordar questões muito pertinentes ao multiculturalismo, não poderiam ser contemplados em sua totalidade nesta pesquisa.

Por último, realizou-se uma classificação do conteúdo das obras a partir de três vertentes, com o propósito de aprimorar as discussões de análise: Relações de gênero;

Questões étnico-raciais (negros e indígenas); e Diversidade. Com o objetivo de elucidar esse mapeamento, ilustraremos ao leitor a quantidade de obras encontradas em cada uma delas, para então descrevermos de que modo apresentam esses conteúdos no enredo da literatura.

Tabela 1: Literaturas analisadas

Categoria	Relações étnico-raciais		Relações de gênero	Diversidade
Subcategoria	Negros e Africanidade	Indígenas	-	-
Quantidade de literaturas	18	02	04	10
Total de obras analisadas: 34				

Fonte: Da autora.

Tabela 2: Literaturas descartadas do processo de análise

Categoria	Contos e lendas de outras culturas (africanas, japonesas, indígenas, indianas)	Poemas regionais da cultura brasileira	Não apresentam conteúdo significativo sobre diversidade/multiculturalismo.
Quantidade de literaturas	12	01	13
Total de obras descartadas após análise: 26			

Fonte: Da autora.

O trabalho está dividido em dois capítulos. Na primeira parte discutiremos as questões relacionadas ao gênero, analisando e problematizando as narrativas infantis que apresentaram ou viabilizaram esta perspectiva. Na segunda parte abordaremos as questões étnico-raciais presentes nas obras; estas serão dispostas em três subcapítulos: negros, indígenas e diversidade. Por fim, incluímos nos anexos três sugestões de trabalho com as temáticas abordadas, vinculando literaturas analisadas com propostas que podem ser desenvolvidas com as crianças.

CAPÍTULO 1

Identificando intersecções e conjunturas de gênero

Os papéis sociais e as demarcações do que é ser menino ou menina em nossa sociedade começa antes mesmo do nascimento de uma criança. Ainda no período gestacional os pais são inqueridos sobre o sexo do bebê, relacionando o mesmo com cores específicas de roupas ou decorações. Tais “papéis sociais” estão muitas vezes internalizados nas condutas dos sujeitos, pelos comportamentos adquiridos historicamente e socialmente – seja nas suas experiências familiares ou nos discursos transmitidos através dos meios de informação, que de forma perceptível ou não reproduzem práticas. Desse modo,

Na medida em que podemos ver a identidade sexual como enraizada historicamente, como produto de um sistema de crenças específico de sociedades modernas ocidentais, podemos também apreciar a diversidade profunda das formas pelas quais a distinção masculino/feminino pôde e pode ser entendida (NICHOLSON, 2000, p. 15).

A partir dos referenciais de Scott (1995 apud LAGO, 2015) cunhados na perspectiva foucaultiana, o gênero deve ser entendido como um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças e desigualdades percebidas entre os sexos, podendo ser entendido como uma primeira forma de dar significado às relações de poder. Isso quer dizer que tais ações históricas foram se afirmando ao longo do tempo e se constituindo em uma política sobre as mulheres na qual a diferença sexual foi concebida em termos de dominação e de controle social.

Nesse sentido, “normatiza-se” corpos de acordo com sexo biológico e adequa-se os mesmos à reprodução de comportamentos e padrões sociais:

Homens e mulheres estão mergulhados de tal forma em relações de poder, que seus assujeitamentos são tomados muitas vezes como ‘naturais’: são naturalizadas a força masculina e a correlata fraqueza feminina, a maternidade feminina e a exacerbada sexualidade masculina, a racionalidade do homem e a emotividade da mulher. São naturalizadas a violência masculina e a passividade feminina, bem como a circulação em espaços públicos pelos homens em oposição aos espaços domésticos destinados às mulheres. A crítica à naturalização como agente do obscurecimento da historicidade é uma das ferramentas do feminismo e dos estudos de gênero para superação da desigualdade entre homens e mulheres (SENA, p. 86, 2015).

A partir dessas distinções entre sexo e gênero, foram naturalizados papéis sociais ao longo da história para homens e mulheres. Tais funções no âmbito da família tornaram a figura do homem associada à autoridade que deve prover o lar, sustentando economicamente

seus membros por meio do trabalho. À mulher foi estabelecido o papel de mãe e esposa zelosa, que deve cuidar da casa e da família, exercendo suas tarefas no âmbito doméstico e na educação das crianças. Estas, por sua vez, foram idealizadas como indivíduos para os quais as únicas tarefas devem ser as brincadeiras e os jogos, além da interdição sobre as práticas sexuais. A afetividade para com elas é um imperativo, bem como o sentimento de germanidade. A adolescência, ou juventude, seria o lugar dos aprendizados e da preparação para a vida adulta, a partir das tarefas “generificadas”: os trabalhos manuais e domésticos para as meninas, a educação professorelizante para os meninos.

Essas construções sociais utilizadas para distinguir masculinidades e feminilidades, geram padrões sociais, que podem ser definidos como posturas ou comportamentos esperados que um indivíduo adote, isso pode ser aplicado também, segundo Scott (1995) para o mercado de trabalho, para as profissões, para a educação, o sistema político, e nas mais diversas esferas da nossa sociedade que vão além do parentesco e das relações intrafamiliares. É a rigidez na execução desses papéis sociais que buscamos afastar do nosso cotidiano, pois, assim como foram construídos socialmente, pode-se também desconstruir práticas, posturas, comportamentos e “padrões” em relação ao que se espera de um sexo/gênero ou de outro.

Ser homem ou ser mulher, portanto, é uma construção social para além do fator biológico, de acordo com as influências sociais e externas provindas da cultura no qual o sujeito está situado. Modos de agir, de se comportar, vestir, falar, andar são aprendidos e apreendidos. Tais modos e maneiras de ser/estar no mundo impõem classes, privilegiando uns e desfavorecendo outros de maneira hierarquizada e demarcada. Essas demarcações produzem e reproduzem desigualdades, enaltecendo padrões sociais e estereotipando grupos marginalizados. Ter o conhecimento desta “tecnologia de poder”, a partir da perspectiva de Foucault, é fundamental para “transgredirmos a norma e o padrão” que foi construído socialmente.

Pretendemos expor ao longo deste capítulo questões observadas nas literaturas infantis que se referem às relações étnico-raciais, à diversidade e, mais pontualmente, às relações de gênero. É preciso que tenhamos clareza de que apesar de categorizarmos as literaturas em três eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho, tais conceitos sempre estarão imbricados e interligados, não podendo ser analisada apenas uma categoria de forma isolada sem considerarmos as outras dimensões políticas e sociais que a ela se relacionam, como aquelas que incluem demandas sobre sexo, classe e raça como sugerido por Scott (1995).

A definição das obras em suas respectivas categorias foi realizada através do conteúdo e do enredo da literatura, ou seja, por meio da leitura individual das obras foi possível fazer a classificação, em alguns casos, o título e a ilustração também auxiliaram neste processo de análise.

Analisando as literaturas encontradas, nosso objetivo é descrever de forma geral as obras e elaborar possíveis interpretações a respeito das mesmas identificando a sua relevância para o enfrentamento das desigualdades e para a valorização da diversidade. É necessário pontuar que não esperamos apreender as literaturas por um viés único de explicação, mas sim, dialogar com os conteúdos expostos permitindo também outras possíveis significações e explicações.

1.1 Apreendendo os papéis sociais e as construções de gênero na literatura

A partir dos norteadores acima citados analisaremos de que forma estão sendo apresentadas as questões relacionadas ao gênero nas literaturas infantis mapeadas. Encontramos quatro literaturas que abordam especificamente as questões de gênero. Começamos com a literatura *Tecendo o amor* da editora Ciranda Cultural, escrita por Márcia Honora no ano de 2009.

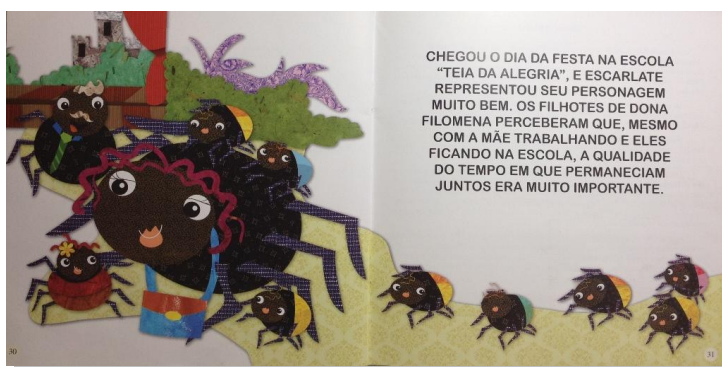
A narrativa é desenvolvida a partir da personagem Filomena, uma aranha que se sente dividida entre as ocupações do trabalho e o cuidado de seus filhotes que após nascerem vão para a creche. A história vai mostrando a dupla tarefa da mãe, de trabalhar e cuidar de seus filhos. Enfatizando o cuidado da mãe ao chegar em casa e dar atenção às aranhinhas e a adaptação das mesmas a nova rotina, salienta, finalmente, que apesar de tudo, a qualidade do tempo que permaneciam juntas era muito importante.

Tecendo o amor é interessante por diversas questões. A primeira delas é que o pai aparece com mais frequência no início da narrativa, quando a aranha descobre estar grávida, assim, ele acompanha o nascimento e cuida das aranhinhas no dia seguinte para que a mãe possa voltar à fábrica, no fim do dia, decidem juntos procurar uma escola para seus filhotes ficarem em segurança, já que não podiam se ausentar por muito tempo do trabalho. Um ponto positivo que poderíamos discutir aqui é o fato do pai cuidar dos filhotes (ainda que, apenas no primeiro dia), e não a mãe. A inversão de papéis neste momento do nascimento chama atenção para a desconstrução desse estereótipo maternalista a respeito do nascimento.

Apesar disso, a narrativa acaba se desenrolando mais em torno dos anseios da mãe em cumprir de forma satisfatória seu papel de mulher que trabalha e que também é mãe. O pai, após as primeiras passagens, aparece mais como coadjuvante neste processo da criação dos filhos. O enredo explicita de forma muito clara o papel da mulher na sociedade moderna, que precisa conciliar sua carreira profissional e o seu papel de ser responsável por “tecer” (criar e conduzir) seus filhos. Esse estereótipo de “mulher maravilha” vem carregado de preocupações e anseios, que exigem sempre o seu melhor.

Outro aspecto interessante é que no final do livro há um texto da autora junto de uma psicóloga que aborda a posição de culpa e frustração que muitas mulheres ainda apresentam ao

conciliar o papel de mãe com o trabalho. Com o objetivo de minimizar essas angústias, enfatiza a importância da qualidade desses momentos que as mães passam com as crianças, salientando o papel fundamental do pai nesta



relação, e da escola como aliada neste processo. Por fim, alerta-se sobre as recompensas que os pais costumam dar aos filhos como forma de recuperar o tempo perdido.

A historiadora Isabela Cosse, em pesquisa desenvolvida no ano de 2010, analisou como as noções de maternidade e paternidade foram se consolidando ao longo do século XX, e pressões passaram a ser exercidas através de diversos discursos voltados sobretudo às classes médias, entre as décadas de 1950 e 1975. Seu trabalho se preocupou em mostrar como tais representações foram se modificando a partir de discursos dos estudiosos, médicos e psicólogos, disseminados através de revistas semanais e adentrando no imaginário e nas práticas das famílias argentinas. A questão das configurações de gênero nas relações já aparecia na década de 1950, a partir de programas de modernização da família, que além de considerar saudáveis as diferenças entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, também responsabilizavam a mãe por ser a base da família, requerendo que desempenhasse também o papel de boa esposa. Essa ênfase na qualidade do tempo em que estamos juntos às crianças é uma construção que já vem se desenvolvendo desde o século passado. Florencio Escardó, calcado na medicina foi um dos responsáveis por difundir essa ideia:

El médico popularizó la idea de que importada más la calidad -en vez de la cantidad- del tiempo dedicado al niño. No obstante, enfatizaba que el trabajo fuera del hogar

no debía canalizar frustraciones irresueltas en el ámbito familiar y que había tareas maternas indelegables, como alimentar, bañar y dormir al niño. Dichas actividades eran importantes para el vínculo afectivo entre madre e hijo y para el cumplimiento de la principal misión de la maternidad: garantizar el desarrollo emocional y formar la autonomía y la individualidad del niño (COSSE, 2010, p.165).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se reconhecia que a qualidade do tempo gasto com a criança era mais importante do que a quantidade dispendida, também deixava claro que a mulher não deveria trazer preocupações do trabalho para casa. As tarefas maternas que exigiam o cuidado e atenção à criança deveriam ser desempenhadas apenas por ela, ausentando o pai desse processo educacional, afetivo, emocional e cabendo apenas à mãe formar a autonomia, a individualidade e as capacidades desse sujeito. Pensamentos difundidos nos anos 60, como a importância da satisfação da mulher nos planos extra domésticos “mas” ao mesmo tempo ocupante de um papel fundamental e insubstituível, o de mãe que tem obrigações a cumprir (COSSE, 2010), ainda perpetuam e ecoam nos discursos no século XXI.

A imagem do pai provedor, ou coadjuvante como na história, sem demonstrar as mesmas preocupações e anseios que a mãe na narrativa, também advém de uma longa construção histórica. Em uma produção historiográfica calcada em documentos da década de 1930, Silvia Maria Fávero Arend analisou os Autos de Abandono Administrativo de Menor do município de Florianópolis. A pesquisadora pôde identificar um aspecto comum que rondava as preocupações desses pais: a figura do pai provedor. É preciso situar que essa preocupação advinha também das elites dos centros urbanos brasileiros, desde a metade do século XIX, a partir de

um conjunto de discursos e de práticas que almejavam transformar o homem pobre brasileiro em trabalhador disciplinado e provedor do lar *adquirindo* maior vulto com a abolição do regime de trabalho escravo e a ascensão dos republicanos ao poder (ARENDA, 2011, p. 88).

Ainda segundo Arend (2011), através de diversos segmentos e setores sociais, transmitiam-se valores, normas e discursos de como esses trabalhadores deveriam se comportar e ser na esfera pública, mas também no universo da família, o que facilitava suas adequações à norma familiar burguesa.

Voltando à literatura, o fragmento problematizado demandou uma atenção especial, pois ao mesmo tempo em que toda a narrativa tem o objetivo de “retirar” o peso atribuído à mulher por essa dupla jornada, enfatiza-se o cuidado com a recuperação (em forma de agradecimentos e presentes) do “tempo perdido”. Nesse sentido, de modo implícito e de certa forma reproduzindo o discurso do qual se quer afastar, atribui-se novamente uma culpa à família e, aqui mais especificamente à mulher, por não ter o tempo que gostaria para dar atenção aos

filhos enquanto trabalha. Não gostaríamos de supor qual saída seria apropriada para a solução desse problema, embora deixemos aqui como lembrete as inúmeras conquistas dos movimentos feministas, dentre elas o direito conquistado à participação no mercado de trabalho e o direito à creche como política materno-infantil básica.

O sentimento de culpa atrelado à mulher reflete novamente uma relação de poder instaurada. Uma construção baseada em valores e moralidades produzida para reforçar papéis sociais específicos que as mulheres devem desempenhar. Estes padrões devem ser preferencialmente aqueles vinculados aos valores da norma familiar burguesa. Tais modelos vinculam sempre a mulher a uma falta, uma incompletude, uma insuficiência nas questões do “ser/poder/conseguir”, seja de forma isolada e segmentada no âmbito doméstico, familiar ou profissional, seja quando desempenha todos esses papéis de forma concomitante (onde tais sentimentos, de incapacidade e culpa, ficam ainda mais perceptíveis). Com base nisso, ainda que as mulheres tenham conquistado tantos direitos, não lhes foram excluídos os “antigos deveres” que exercem perante a família e ao lar. Essa falta de percepção funciona como uma máquina, engendrada para manter o poder e produzir desigualdades, assim a partir dos escritos de Jurandir Freire Costa (1979):

A família burguesa brasileira torna-se de repente transparente, e vemos apontar atrás dos traços retorcidos do machismo, da violência da repressão sexual sempre renovados, as formas veladas do patriarcalismo de nossos avós e bisavós, a herança mais duradoura que provavelmente nos deixaram (apud LOBO, 1981, p. 102).

Trazer para a discussão o rompimento desses paradigmas que são reproduzidos socialmente, onde mulheres possuem papéis e atribuições demarcadas, é fundamental para a mudança de práticas e a conscientização de que tais papéis sociais reforçam o sexismo, o machismo e o patriarcado.

A segunda narrativa é da editora “Saber e ler”, escrita por Manuela Olten no ano de 2013. O título *Meninos de verdade* já sugere ao leitor alguma ideia do enredo. A capa apresenta dois meninos gargalhando, e a narrativa inicia com dois meninos zombando de uma

menina. Através de ilustrações que retratam suas falas, eles dizem que as meninas são sem graça, pois passam o dia penteando bonecas, colocando e tirando suas roupas. Riem por elas dormirem com bichos de pelúcia, entram em pânico, são medrosas, fazem



xixi na calça, morrem de medo de fantasma. Na conclusão da literatura, os meninos então fazem cara de assustados, e em conversa com o leitor, perguntam se eles existem, com os olhos arregalados vão se escondendo debaixo das cobertas, anunciam que precisam fazer xixi e no fim, acabam indo dormir com a menina da qual desde o início zombavam, se agarrando nos bichinhos de pelúcia dela.

A história chama atenção do leitor pelo fato de não abordar as questões de gênero de forma positiva, pois em muitos momentos do enredo, os meninos desqualificam a figura feminina e não reconhecem que também se comportam do mesmo jeito, evidenciando semelhantes medos. Nesse sentido, agem da mesma maneira e possuem os mesmos defeitos que consideram “defeitos femininos”. Essa mensagem embora explícita aqui, na literatura fica subentendida ao leitor, deixando margem a diversas interpretações.

Isto acontece também de certo modo na história *Anton e as meninas* do autor Ole Konnecke, produzido pela editora WMF Martins Fontes, de 2013. O enredo circunda a vida de Anton, um menino que tem um balde, um carrinho e uma pá, sabe pular alto, é forte... Mas as meninas (que não possuem nome na narrativa) não olham pra ele. Para chamar atenção, ele desce de vários modos do escorregador e, mesmo assim, as meninas não dão atenção. Ele fica chateado e vai construir uma casa, a maior do mundo, ela cai e Anton chora. Então as meninas olham pra ele, Anton ganha um biscoito delas, o convidam para brincar e Anton se diverte. No fim da história aparece o Lucas, vindo com um chapéu enorme, uma pá grande, um skate e um balde maior, apenas Anton olha, as meninas continuam brincando.

As questões de gênero em *Anton e as meninas* são abordadas mais explicitamente, bem como a representação das figuras dos meninos e das meninas. A interpretação da narrativa fica neste caso, mais a critério do leitor que pode a interpretar de diversas formas. O conteúdo que se pretende abordar só fica claro se lermos o resumo presente na contracapa da obra, que diz:

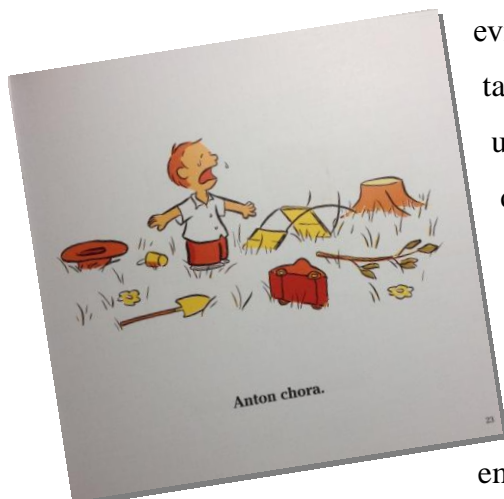
Homens e mulheres são bem diferentes. Meninos e meninas também. Anton quer impressionar as meninas. Só que elas nem dão bola, porque não gostam de gente exibida. Mas, quando Anton demonstra sua fragilidade, elas o tratam com carinho. Assim é no tanque de areia. Assim é no mundo (ONNECKE, 2013).

O autor deixa claro que homens e mulheres, meninos e meninas são diferentes, tais diferenças podem ser vistas nas ilustrações a partir dos estereótipos corporais, mas principalmente na conduta adotada no início da narrativa



quando diz que Anton “sabe pular alto” “é forte”, “tem um carro grandão”, indicando uma generalização no comportamento dos meninos e um estereótipo de como é ser menino. Isso acontece também com as meninas, só que é evidenciado apenas no resumo do livro, quando aponta que elas se sensibilizam com a fragilidade de Anton e lhe tratam com carinho.

Ao mesmo tempo em que denota os estereótipos de ambos através de suas condutas,



evidenciando que “meninos são fortes e meninas sensíveis” também rompe com esses mesmos comportamentos, mostrando uma dupla faceta quando Anton se decepciona e chora, e quando as meninas não gostam que as impressionem, ignorando a força e as habilidades demonstradas por Anton.

Apesar de generalizar os comportamentos de meninos e meninas no livro, a narrativa faz um esforço de romper com os comportamentos e valores socialmente construídos,

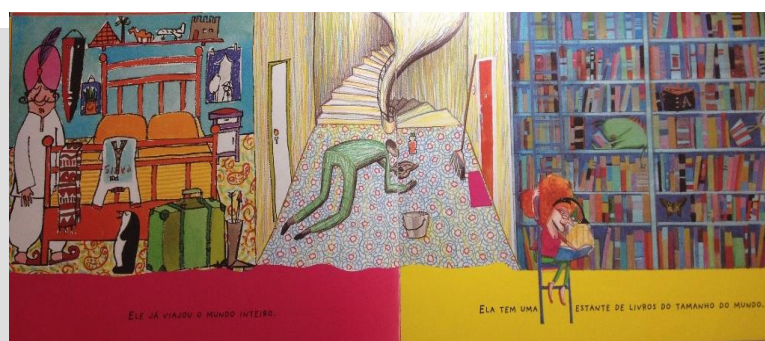
embora acabe caindo algumas vezes em um reducionismo, reproduzindo expectativas do que se espera de um gênero ou de outro.

O último livro escolhido para análise foi *Vizinho, Vizinha*, escrito por Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello, é da Editora Companhia das Letrinhas e foi escrito em 2002. A narrativa foi escolhida também por conta do título, além do enredo, que sugere dois gêneros demarcados. Conta a história de dois vizinhos que vivem no mesmo prédio um ao lado do outro. Fazendo comparações entre o que um e o outro faz, a rotina deles vai sendo descrita. “Ele já viajou o mundo inteiro e ela tem uma estante de livros do tamanho do mundo”; essa e outras comparações vão se desenrolando na narrativa, até que chega a hora de quatro e quarenta e ele leva o canário pra passear, 20 para as cinco ela também sai para levar seu relógio ao conserto, só essa hora que se encontram e dizem “oi” rapidamente. E o dia vai passando, cada um com seus afazeres que o outro vizinho não sabe. Certo dia a sobrinha dele faz uma visita justo no dia que o neto dela passa o dia no apartamento, na mesma hora que os vizinhos saem de casa todos os dias as crianças se observam, e tudo se mistura no corredor, pertences dos dois vizinhos para todos os lados e muita brincadeira. Depois que eles vão embora, o silêncio volta ao corredor, enquanto o vizinho toma café, imagina o que acontece no outro lado, “qualquer dia convida a vizinha para entrar, e ela, se ele convidar, aceita”.

Em páginas opostas, a narrativa vai mostrando a rotina distinta de ambos, ora algumas situações se assemelhando, ora se distanciando. Na página da esquerda é contada a história dele, com uma tarja rosa na parte inferior onde está a escrita. Na página da direita, a história

dela, com uma tarja amarela. Uma característica da literatura, é que durante toda a história não se sabe o nome dos personagens, eles são identificados em todo o enredo como “ele e ela”. Apesar do título caracterizar uma diferença de gênero entre os personagens da história, a diversidade é tratada superficialmente nesta narrativa, com questões de estereótipos de gênero que podem passar despercebidas do leitor se o mesmo não estiver atento.

É o que ocorre em um único trecho da narrativa, quando o autor aponta que “Ele já viajou o mundo inteiro e ela tem uma estante de livros do tamanho do mundo”. Aparentemente,



essa frase “inofensiva” não nos chama atenção de imediato. Ao focarmos em suas minúcias, percebemos a intenção de demarcar uma personalidade distinta para ele e para ela, a palavra “mundo” então recebe diferentes conotações e contextos para cada um. Ele é apontado como viajante, que desbrava e sai para o mundo, que é aventureiro, e conseqüentemente corajoso. Ela aparece como leitora, com uma estante grande, do tamanho do mundo, cheia de livros, sua qualidade é remetida à intelectualidade, ao sossego e à “segurança” que a literatura proporciona, ela não sai para o mundo, pelo contrário, fica e o descobre através dos livros.

Evidentemente, o que apontamos neste trabalho são interpretações que não pretendemos que sejam conclusivas ou fechadas sob um único olhar. No entanto, o ponto ao qual queremos chegar refere-se à forma, imperceptível muitas vezes (ou não), pela qual as narrativas produzem e reproduzem estereótipos sobre o que é ser homem e mulher na sociedade em que vivemos.

Apesar disso, uma das questões que suscitou curiosidade e que contraria o exposto acima, foi o fato de que as cores utilizadas nas páginas para destacar “ela e ele” não representavam cores socialmente demarcadas e usadas na representação de estereótipos de gênero - já que para ele é usada a cor rosa e, para ela, amarelo.

O que podemos observar analisando tais obras que representam a categoria *gênero* é que as literaturas ainda estão avançando no sentido de romper com padrões e estereótipos socialmente demarcados. Grande parte das literaturas apesar de abordarem o gênero de modo “intencional”, em seus títulos e principalmente em seus enredos, não aproveitam as possibilidades para potencializar as discussões. Assim, notamos certa confusão em suas

configurações, pois ora rompem com alguns discursos e estereótipos, porém em outras, acabam por reproduzir comportamentos e posturas na mesma proporção.

Em termos gerais, as meninas/mulheres aparecem frequentemente nas literaturas como sendo aquelas mais frágeis, que necessitam de cuidados, apresentando posturas cautelosas e delicadas. Já os meninos/homens são apresentados em duas situações: ou quase não aparecem, como no caso da primeira literatura; ou quando se fazem presentes, o autor faz questão de demarcar em suas personalidades a força, a coragem, a autossuficiência e a bravura. Tais valores de gênero representam construções sociais que se criam e se reproduzem sobre os sujeitos, em grande parte, e que estão relacionados com a norma familiar burguesa. Essa perspectiva vincula o homem como aquele que deve prover o lar, trabalhar fora e à mulher, cabe o papel da maternidade e dos cuidados domésticos. Tais representações ainda carecem de desnaturalização em nosso meio.

Em linhas gerais, notamos uma insuficiência de literaturas que discutam com profundidade as questões de gênero, ou que as desnaturalizem por completo. Além da ausência de literaturas publicadas por parte das editoras, podemos perceber que em todas as obras analisadas encontramos fragilidades que “suavizam” o feminino/masculino, reproduzindo estereótipos e “padrões” que normatizam e conferem concepções aos sujeitos. Perante esse quadro, cabe ressaltar a importância da mediação dos professores e professoras ao abordarem tais narrativas com as crianças, adotando como compromisso a desconstrução de tais conteúdos, problematizando estigmas e instigando as crianças a pensarem sobre a valorização da diversidade de gênero.

CAPÍTULO 2

Questões étnico-raciais: a busca pela equidade social

A preocupação em trabalhar conteúdos que abordam as questões étnico-raciais nas escolas vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões de educadores em geral. As concepções sobre populações negras e indígenas foram se modificando ao longo da história, evidenciando-se no tempo presente diversos movimentos de valorização e incentivo a práticas culturais oriundas desses grupos sociais. No entanto, marcas profundas permaneceram enraizadas até os dias de hoje. A permanência de práticas de cunho racista é um lembrete de que a luta pelo rompimento das desigualdades e por uma sociedade mais igualitária deve ser contínua.

Sob a ótica de Antonio Sergio Guimarães, a partir das vertentes da sociologia e das Ciências Sociais, a ideia de raça pode ser construída socialmente, na relação com o meio e com os indivíduos que ali se encontram. Trata-se de identidades sociais provenientes de origens, nas palavras do autor seu significado é fundamentado como “discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue”. (GUIMARÃES, p. 66, 2008).

É importante salientar, como nos indica Guimarães (2008), que no Brasil temos dificuldade de desvincular o conceito de raça à cor, ou seja, a classificação por cor é orientada ainda pela ideia de raça. Muitas vezes, a noção de raça está baseada em concepções deixadas de “herança” pela biologia genética, no qual são atribuídos aos sujeitos discursos sobre qualidades, atitudes, essências hereditárias transmitidas por sangue. Nesse sentido, Guimarães nos aponta que o conceito de raça no Brasil não é um conceito nativo, ou seja, não é usualmente utilizado pelas pessoas para se auto classificar em termos raciais. Utiliza-se no país o termo “cor” quando se pretende saber a definição de raça de um sujeito, de acordo com as estatísticas de pesquisas nacionais.

Outro conceito vinculado, mas não condicionado à definição de “raça” é o termo “etnia”. Guimarães (2008) explana que a definição de etnia pode ser entendida como discursos que determinados sujeitos adotam quando pertencem a lugares comuns de origem, quando possuem típicos comportamentos, modos de viver, costumes e religiões. Tais discursos podem formar comunidades, que se resumem a uma população identificada, por

exemplo, por pertencer a uma mesma luta, por reivindicar um destino político semelhante, ou por ser proveniente de uma origem, cultura ou lugar comum.

A partir desse esboço de definição, analisaremos como estão sendo evidenciadas as questões étnico-raciais nas literaturas infantis mapeadas. Com o intuito de abordar a temática étnico-racial com mais profundidade, dividimos esta categoria principal em duas subcategorias de análise: negros e indígenas.

2.1 Negros: em busca do empoderamento nas questões raciais

Encontramos vinte literaturas que abordam questões vinculadas às culturas africanas, além disso, foram mapeadas muitas obras com a preocupação de evidenciar e valorizar a cultura africana através de seus costumes, hábitos, modos de viver e se expressar, abordando a história dos antepassados e suas contribuições para as gerações de hoje.

Iremos iniciar nossa análise a partir da *Coleção Africanidades* escrita por Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora. Este conjunto de livros foi publicado pela Editora Ciranda Cultural no ano de 2010, apresentando um total de 10 obras que possuem como objetivo expor a cultura africana ao leitor por meio de diversos eixos temáticos. Cada livro fala sobre um tema, são eles: *Jogos, brincadeiras e cantigas*; *Festas Populares*; *Folclore e Lendas*; *Culinária Afro-brasileira*; *Personalidades e Personagens*; *Africanidades: Artes*; *A história dos africanos no Brasil*; *Atualidades em Africanidades*; *A influência africana no nosso idioma*; *Religião africana no Brasil*.



Em todas as obras o personagem principal é um menino negro chamado Cadu, que vai conversando com o leitor e conduzindo as narrativas. Uma questão importante observada é que a coleção se preocupa em ilustrar em todas as obras personagens com as mais diferentes características, ou seja, são representadas crianças, adultos, idosos, de diversas etnias, gêneros e aparências. A coleção inclui também os leitores com deficiência auditiva, oferecendo junto a cada literatura um CD com vídeos dos livros com interpretação em LIBRAS, além de jogos para computador. Outra ressalva, é que geralmente no fim do livro Cadu faz alguma proposta, como fazer uma receita culinária, construir um instrumento, realizar um passeio em um museu, etc., buscando sempre

aproximar ou mesmo produzir uma identificação do leitor com os elementos da cultura africana/afro-brasileira.

Apresentaremos brevemente as literaturas dessa coleção e pontuaremos com mais profundidade aquelas que nos deram subsídios para discutir e problematizar a diversidade no contexto das culturas africanas.

A narrativa *Jogos, brincadeiras e cantigas*, como o próprio título elucida, traz em seu enredo diversas brincadeiras e jogos que foram trazidos pelos africanos escravizados de seus países de origem e incorporados em nossa cultura, ainda em formação. Além de explicar ao leitor as brincadeiras/jogos, dá ideias de como pode ser utilizado com crianças. Este livro é interessante tanto para as crianças conhecerem mais sobre as brincadeiras e jogos africanos, quanto para fornecer subsídios para o/a professor/a abordar a imensa presença de culturas africanas no Brasil.

As *Festas Populares* apresentam a influência das festas africanas nas manifestações do folclore brasileiro. Na narrativa Cadu viaja pelas regiões do Brasil e pelo mundo mostrando as diferentes manifestações culturais. Apresenta o carnaval, que no Brasil foi adaptado e influenciado pelas danças e sons feitos pelos descendentes de escravos africanos, indicando a origem da palavra samba e os instrumentos que compõem a festa. Esta obra mostra de maneira muito significativa as diferentes manifestações culturais pelas regiões brasileiras, tendo como influência as heranças africanas trazidas pelos negros, enfatizando as contribuições de diversos grupos étnicos na construção da cultura brasileira.

Folclore e Lendas apresenta uma síntese sobre as lendas africanas, que geralmente eram transmitidas oralmente de geração em geração, apontando que foi desse modo que chegaram ao Brasil, a partir da tradição de falar, cantar ou representar as histórias. O livro expõe o significado da palavra “folclore” e as principais lendas, como a do Saci Pererê, Negrinho do Pastoreio, entre outras. Também explana sobre os folguedos da cultura popular brasileira e apresenta algumas danças folclóricas.

A obra *Culinária Afro-brasileira* aborda as comidas africanas que se fazem presentes no Brasil. Faz uma breve descrição da alimentação dos escravos na África e de como tiveram que se adaptar quando chegaram. Apresenta os pratos típicos que surgiram com a união das culinárias portuguesa e africana. Explica a origem da feijoada, nascida nas senzalas e que por isso pode ser considerada um prato afro-brasileiro. No final da narrativa há uma receita de cocada e de feijoada para ser preparada.

Iremos abrir um parêntese aqui para analisar esta última parte da narrativa. Anunciando a receita da feijoada, Cadu sugere convidar a “mamãe” para preparar o delicioso prato. Evidencia-se aqui um estereótipo de gênero bem demarcado, subtende-se que a mãe/mulher é a pessoa mais indicada para fazer tal tarefa. Essa demarcação evidencia uma reprodução ligada aos valores da norma familiar burguesa do papel da mulher na sociedade (aqui mais especificamente, aquela que é dona de casa, que é responsável por preparar as refeições e cuidar do lar).

Embora o livro traga de forma muito positiva a cultura africana, valorizando diferentes questões étnicas, os valores e seus costumes, a narrativa “desliza” ao abordar o gênero feminino vinculado ao estereótipo da mulher que cozinha. De forma “naturalizada” acaba reproduzindo que ela é a pessoa mais apropriada para determinar tal função, descartando outros membros da família que talvez possuam tanta capacidade/habilidade quanto ela para desempenhá-la. Essa problematização é bastante delicada, pois - embora acreditemos que não tenha sido a intenção do autor criar esse estereótipo - as pessoas de um modo geral, reproduzem tais concepções sem tomar consciência disso, enfatizando alguns papéis sociais. É fundamental percebermos nas nossas ações e discursos tais naturalizações de gênero, pois elas possibilitam práticas de intolerância, preconceito e desigualdade.

Essa questão também nos permite ilustrar o fato já mencionado anteriormente, de que não é possível separarmos as categorias de raça, gênero, etnia, classe, entre outras, analisando-as de forma isolada, pois elas estão imbricadas nas relações e no processo de construção social, se complementando e interseccionando a todo o momento.

O livro da coleção *Personalidades e Personagens* apresenta figuras negras e descendentes de africanos importantes que contribuíram com o desenvolvimento da política, cultura, direito, finanças, música e arte da história brasileira. Também são apresentadas figuras importantes na medicina, nas artes e na engenharia. No fim do livro o leitor é convidado a fazer uma árvore genealógica para conhecer seus antepassados.

Uma observação que merece ser pontuada foi o fato de mencionar Chiquinha Gonzaga, como personalidade muito a frente de seu tempo. Além disso, expõe que foi muito perseguida no início de sua carreira por ser mulher e compositora. Fica evidente a intenção de mostrar ao leitor a opressão que as mulheres sofriam, confirmando de modo enfático a desigualdade de gênero existente na sociedade da época. Diferente da narrativa anterior onde não se percebeu a demarcação de estereótipo realizada, nesta obra, percebeu-se e enfatizou-se a luta das mulheres por um espaço na sociedade de forma igualitária aos homens.

O livro *Artes* aborda em seu enredo a influência africana que o teatro, o cinema, a televisão, a dança e a música exerceram em nossa cultura. Traz a capoeira como uma das maiores representações da arte que nasceu com os escravos, apresentando seus instrumentos e o samba como expressão da dança no Brasil, criada pelos netos e filhos de escravos, além de outras danças. Por fim, discorre sobre a música popular brasileira, apresentando a influência de alguns compositores e cantores afro-brasileiros. É evidente que o autor preocupa-se com a questão de gênero na narrativa, identificando não apenas os homens que fizeram história, mas também as personagens femininas que ganharam destaque no cenário das artes.

A *história dos africanos no Brasil* narra a chegada dos africanos no nosso país, decorrente do tráfico de escravos negros. A literatura relata um pouco da história da população brasileira e seus descendentes vinculados aos ancestrais de três grandes etnias. Conta como os escravos eram transportados, os trabalhos aos quais eram submetidos, as senzalas, dentre outras questões. Apresenta o movimento abolicionista e alguns líderes negros que se destacaram pela abolição da escravatura. Explicita a Lei Áurea e destaca as muitas dificuldades para se adaptar e ser aceitos na sociedade para além da função de escravos. Finalmente, trata da existência de leis e políticas criadas para a garantia dos direitos e a preservação da cultura negra e africana no país.

Em *Atualidades em Africanidades* são abordadas as muitas conquistas na política, na moda e na educação da população afrodescendente³ no nosso país, destacando os direitos conquistados pelos afro-brasileiros. Expõe alguns dados do IBGE acerca de pessoas que se declaram afrodescendentes e aponta as desigualdades existentes no mercado de trabalho, a presença de pessoas negras nos cursos superiores e os espaços importantes que ocupam na política e nas profissões. Refere-se à Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e aos programas e projetos da cultura afro-brasileira, salientando que tais entidades promovem o fortalecimento dos direitos dos afrodescendentes diante das discriminações ainda existentes.

Atualidades em Africanidades contribui muito no sentido de empoderar os negros enquanto grupo social, pois a obra destaca as diferenças que nos constituem enquanto pessoas singulares ao mesmo tempo em que enaltece exemplos de cidadania e igualdade. Explicita a cor da pele como uma herança que deve ser motivo de orgulho por todas as conquistas e vitórias obtidas pela população negra.

A *influência africana no nosso idioma* evidencia as muitas palavras que utilizamos no cotidiano cuja origem é africana. Faz um apanhado histórico sobre a diversidade de culturas e

³Na maior parte dos textos da coleção, utiliza-se o termo afrodescendente, fazendo menção às gerações nascidas no Brasil.

os idiomas falados em África e sua influência nos contornos adquiridos pela língua portuguesa falada no Brasil.

A última história dessa coletânea é *Religião africana no Brasil* que tem como objetivo mostrar a religiosidade africana na cultura afro-brasileira. Esta narrativa mostra como e onde os escravos manifestavam suas diferentes crenças. Destaca a semelhança de algumas crenças com a mitologia grega e romana e descreve a lenda sobre a criação do homem a partir da mitologia africana. A obra evidencia a religião como aspecto muito importante para os africanos e que através da mistura de culturas e religiões, outras crenças também surgiram no Brasil. Por fim, expõe que o conhecimento religioso é transmitido nas gerações por meio da oralidade, conforme o costume das sociedades africanas.

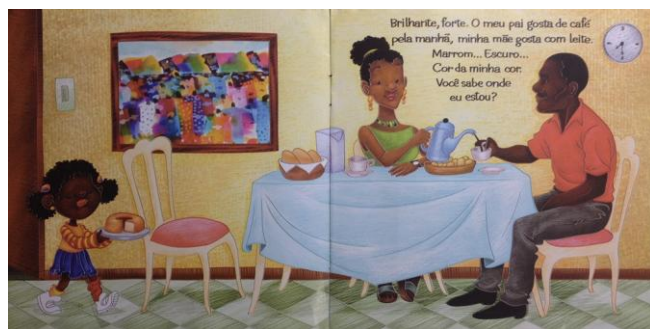
Esse conjunto de literaturas mostrou-se um excelente material tanto para professores/as, quanto para as próprias crianças conhecerem com mais propriedade aspectos da cultura africana e da contribuição de diversas personalidades negras na constituição da sociedade brasileira. Mostrar para as crianças a constituição da nossa história de forma didática e lúdica a partir das narrativas infantis é um grande passo para desenvolvermos a consciência coletiva de que fazemos parte deste processo, e de que foi através de muita luta que a população negra conquistou os espaços hoje ocupados por ela. A importância do/a professor/a conhecer esses materiais que promovem a valorização da diversidade e da consciência étnico-racial refere-se à possibilidade de contribuir expressivamente para uma prática pedagógica voltada para discussões que promovam a equidade social.

A seguir, continuamos analisando literaturas que apresentam aspectos étnico-raciais. Por não pertencerem a uma coletânea cujo caráter é mais informativo e/ou descritivo – como no caso da coleção *Africanidades* - cada obra apresenta um enredo particular, em outras palavras, são “histórias”. Elegemos estas últimas para ser analisadas com mais profundidade.

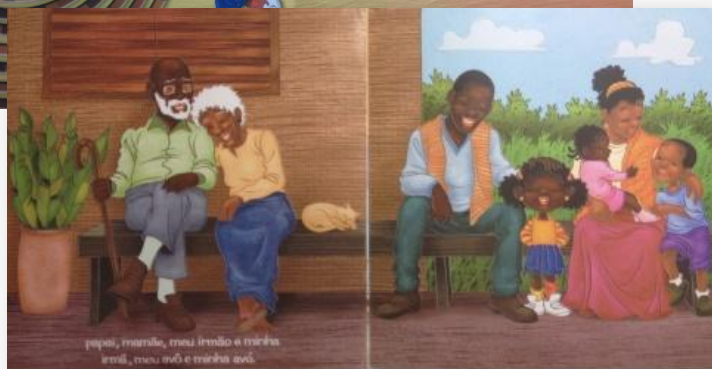
Iniciaremos com a literatura *Que cor é a minha cor?* de Martha



Rodrigues editada pela Mazza Edições⁴ no ano de 2006. A história é contada pela personagem principal, uma menina negra que vai conversando com o leitor. Ela fala sobre sua cor e pede para que cada um encontre a sua nos lápis expostos. Depois afirma que sua cor está presente em diversos lugares, como nas folhas de amendoeira no outono, na madeira de sua cama, no café que papai toma de manhã, nas pintas do jaguar. Nesses muitos marrons está ela e estamos todos nós, conclui. Finaliza apresentando sua família e destacando que o povo brasileiro é a soma de muitas raças e diferentes etnias, resultado da mistura de índios, portugueses, negros, holandeses, italianos, japoneses e que todas essas cores juntas nos deram muitas outras de presente.



A narrativa destaca de forma muito sensível a diversidade que nos constitui, expondo a cor da pele como característica única de cada sujeito. A literatura potencializa tal diversidade



como resultado da mistura de muitas raças e etnias, que nos forma e nos identifica enquanto povo brasileiro. Esta literatura é

interessante ser trabalhada com as crianças, pois permite que nos reconheçamos enquanto nação, ao mesmo tempo em que evidencia nosso pertencimento a um grupo social, relacionando nossas ancestralidades e descendências. Além disso, de

forma didática e lúdica relaciona as cores que compõe o nosso entorno com os diversos tons de pele que conformam uma

⁴ Cabe pontuar que, muitas das literaturas analisadas nesta etapa do trabalho foram publicadas pela Mazza Edições. Essa editora tem como compromisso proporcionar aos leitores o contato com a cultura brasileira e afro-brasileira através de suas histórias. Seu trabalho é referência no âmbito nacional e internacional baseado na publicação de autores/ras negros/as e de literaturas que abordam aspectos multiculturais. (Disponível em: <<http://www.mazzaedicoes.com.br/editora/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.) Nesse sentido, cada vez mais percebemos grupos editoriais que evidenciam esse tipo de preocupação e que buscam em suas obras, ressaltar o compromisso com as questões étnico raciais clamando por uma sociedade mais igualitária.

estética brasileira. A representação da família afro-brasileira também merece destaque, já que esta foi positivada quando o vínculo existente entre distintas gerações foi demarcado.

Mãe Dinha de Maria do Carmo Galdino é uma história também da editora Mazza, publicada em 2007. A personagem principal é uma senhora muito carismática, ela é a “avó de coração, com firmeza de mãe, e ternura de madrinha”. Tem sempre a disposição merendas gostosas, segredos para curar qualquer mal-estar, doença, dor ou tombo. A história define a personalidade de Mãe Dinha, que é carinhosa, mas também firme, criativa, inventa brinquedos com coisas incomuns como sabugo de milho, sementes, etc. Tudo isso é fruto da herança de sua mãe Tereza, trazida da África, herança de força, alegria, amor, dores e aquele jeito de juntar crianças que tratava como netos. No fim, relata que a história foi contada pela mãe de outra personagem ilustrada, sobre sua avó do coração.

A narrativa busca abordar os costumes e fazeres dos antepassados, valorizando a cultura africana através de Mãe Dinha. Essa obra desperta no leitor a importância de cultivar os valores, costumes e modos de ser dos nossos antepassados, aqui mais especificamente da cultura africana, que



através da personagem principal demonstra ter muitas coisas para contar e ensinar às gerações mais novas. A ancestralidade e a religiosidade marcam as ilustrações e chamam atenção para as heranças e crenças compartilhadas, assim como o legado da



resistência e da luta que fortalecem os negros diante das desigualdades.

As tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf, foi publicada no ano de 2004 pela editora Cosac Naify. Sua história é protagonizada por Bintou, uma menina que sonhava em ter tranças, mas só tinha quatro birotos na cabeça. Em uma visita, Bintou pergunta para a avó porque crianças não podem usar tranças, a avó conta a história da menina Coumba, que só queria ser bonita e com o tempo foi se tornando vaidosa e egoísta. Da história vem a razão pela qual as mães não permitem que as meninas usem mais tranças: deveriam se interessar em fazer amigos, brincar e aprender. Ao longo da narrativa diversos costumes e rituais da cultura africana vão sendo apresentados ao leitor, como o batizado do irmão Abdou, as comidas típicas da região, os cabelos das mulheres com o objetivo de mostrar às crianças e a Bintou

como as tataravós penteavam e trançavam os cabelos. Até que em um passeio pela praia Bintou vê uma canoa virada e uns meninos se afogando, busca ajuda correndo até a vila pelo caminho mais difícil - porém mais rápido. Ela consegue pedir ajuda e por salvar os meninos, todos deixam Bintou fazer um pedido. Sua irmã diz que ela deseja tranças. No dia seguinte a avó diz para ela sentar-se e faz birotos em seu cabelo, a menina olha no espelho sem coragem, mas dessa vez vê lindos pássaros amarelos e azuis em seus birotos. A narrativa finaliza com Bintou se reconhecendo e afirmando que seu cabelo é negro e brilhante, macio e bonito e que é a menina dos pássaros no cabelo.

Essa história avança muito no que diz respeito à personagem se reconhecer enquanto pessoa negra, tal empoderamento permite que ela se posicione e tenha orgulho de ser quem é e de suas características. Além disso, a narrativa também aborda fortemente a questão da representatividade, isso se dá através da família, dos amigos e de todo o grupo, que transmite à Bintou os valores, os costumes, os modos de ser e os ritos daquela comunidade.

A narrativa descrita acima nos oferece diversos subsídios e conteúdos para trabalhar a diversidade com o público infantil e os preconceitos gerados a partir das diferenças. Inicialmente proporciona a reflexão sobre a vaidade e a aparência que a personagem principal possui: a menina se preocupa com questões superficiais que não correspondem à sua pouca idade, já que deveria dar importância para as brincadeiras e seus amigos. Isso nos permite pensar sobre as questões estéticas no qual muitas crianças já estão imersas desde cedo, na contemporaneidade, presas a estereótipos de beleza e padrões inventados que não deveriam importar em nenhuma fase da vida.

A insatisfação gerada em Bintou é a de muitas crianças: o não reconhecimento de sua cor, de seu cabelo, de sua aparência, de seu corpo e resulta, como na literatura em “não gostar

do que vê”. Essa identidade só é alcançada quando a menina se percebe única, com birotos e pássaros na cabeça e com o fortalecimento de sua autoestima através de sua família, aqui mais especificamente sua avó e sua irmã. A construção da identidade étnico racial acontece através “da identificação com um dado grupo, a



partir das interpelações dos olhares do outro tal como afirma Stuart Hall (2006 *apud* SANTOS e AMPARO, 2014). Essa identificação é mutável devido às inúmeras influências recebidas e modificadas no tempo e no espaço” (*ibid*, p.5, 2014). Por meio da família, Bintou se reconhece como menina negra, valorizando sua aparência e se identificando como parte integrante de um povo e de sua história, tornando-se também uma heroína para sua comunidade.

O âmago da construção desta identidade étnico-racial repousa no sentimento de pertencimento a este grupo. Portanto, não se nasce negro, tornar-se um a partir do momento em que se conhece e referencia o seu berço, sua origem e ancestralidade, valoriza seu fenótipo e por fim constrói sua identidade que como já fora citado é dispare umas das outras, embora seja do mesmo grupo, o de negro (*ibid.*, p.6, 2014).

Além do exposto acima, a narrativa torna-se bastante completa ao abordar diversos costumes locais daquela comunidade africana, como suas festas, comidas típicas, e modos de se vestir relacionados à faixa etária.

O próximo livro a ser analisado é *Menina bonita do laço de fita* escrito por Ana Maria Machado da Editora Melhoramentos. A narrativa é quase um clássico e já perpassou diversas gerações. Conta a história de uma menina muito bonita, com olhos que pareciam azeitonas pretas e brilhantes, tinha o cabelo enroladinho bem negros, parecendo fiapos da noite. Sua mãe gostava de enfeitar seus cabelos com laços de fita colorida, a menina parecia uma princesa das Terras da África. Do lado se sua casa morava um coelho branco, de orelha rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso. Ele a achava a menina mais linda do mundo e pensava que quando se casasse queria uma filha pretinha e linda igual ela. Um dia, o coelho foi até a casa dela, e perguntou qual era o segredo pra ela ser tão pretinha, ela não sabia mas inventou, dizendo que devia ser porque ela caiu na tinta preta. O coelho então se pintou, mas veio uma chuva e tirou toda aquela tinta. A menina então segue inventando diversos motivos: porque tomou muito café; porque comeu muita jabuticaba; e o coelho tentava ficar igual, porém nunca dava certo. Depois de alguns dias, a menina já ia inventando outra desculpa, quando sua mãe resolveu intervir dizendo que era por causa das artes de uma avó preta que ela tinha. O coelho então viu que a mãe devia estar falando a verdade, pois a gente sempre se parece com os pais e os parentes, e que se queria uma filha igual à menina, tinha que procurar uma coelha preta pra se casar. Assim, logo encontrou uma coelhinha de pelo escuro, namoraram, casaram e tiveram uma ninhada de filhotes. Tinha coelho pra todos os gostos, branco, cinza, malhado e uma bem pretinha, que virou afilhada da menina bonita. Sempre quando saía com um laço colorido e alguém perguntava qual era o segredo pra ser tão pretinha, a coelha respondia que eram os conselhos da mãe de sua madrinha.

A narrativa busca explicar o motivo da menina ter a pele negra. É possível perceber que ela não sabe responder a essa pergunta, e que por isso inventa diversas explicações. Nesse sentido a protagonista não conhece a sua história e também não se reconhece como menina negra. A mãe da personagem intervém apenas no fim, relacionando a sua cor da pele às “artes de uma avó preta”, e não como uma característica provinda de gerações.

Essa narrativa nos permite explorar algumas possíveis hipóteses a respeito do não reconhecimento de sua cor e de sua história. Primeiramente, a menina talvez não saiba explicar sua cor, pois para ela é algo natural, ou seja, essa diferença só fica evidente aos olhos do outro, como o coelho por exemplo, que é quem busca tal explicação, e que por ser branco se diferencia dela. De acordo com Santos e Amparo (2014) a identidade é construída a partir das relações de contraste, identificação, comparação ou conflito com outros grupos. Isso explica porque até o momento dos questionamentos a menina não precisava se “reconhecer” e assumir a sua identidade perante o coelho. Segundo os autores, é a partir dessa inter-relação que a identidade se constrói.

Uma segunda suposição do por que - aqui mais especificamente no que se refere à mãe - não foi estabelecida uma identificação com a negritude, pode advir do contexto histórico e de diversos estereótipos negativos que estão vinculados à população negra, que segundo Debus e Vasques (2009) origina-se da exploração e da dominação do trabalho escravo, assim “a ideia de nação mestiça, no Brasil, é resultado de um processo colonizador violento, e não apenas da relação amistosa entre as raças” (ibid., p. 137). Talvez, supomos, a mãe não quisesse relacionar a história da menina ao passado árduo e sofrido ao qual seus antepassados foram submetidos. Enfim, embora haja diversas críticas a respeito dessa história, pretende-se que o leitor chegue à conclusão de que nós nos parecemos com nossos pais e antepassados, e que isso nos permite pertencer a grupo social e nos reconhecermos enquanto sujeitos. Nada impede que o outro – neste caso, o coelho - ainda que se orgulhe do seu pertencimento, admire a diferença que enxerga entre si e a menina negra – a cor da pele.

A Editora Mazza publicou também a literatura *Meninas negras*, de Madu Costa em 2005. Narra a história de três meninas negras. A primeira é Mariana que é alegre, sonhadora e gosta de sua cor, seu mundo é mar, rio e ar. Na escola a professora conta que os negros vieram de África como escravos. Mariana sonha com a liberdade, na imaginação voa e encontra mãe-África linda e livre. A segunda menina é Dandara, que tem olhos grandes e sorriso aberto, ela quer muito um bicho de estimação, uma girafa ou um leão. Na escola a professora fala das terras de África e ela já imagina os bichos nas nuvens que vê pela janela.

Luanda é a terceira protagonista, de corpo forte e tom de chocolate, dança como ninguém e aprende o que lhe convém. Na escola sua professora fala do povo e da cultura da África, Luanda balança seu corpo para resistir e dança sua história. As três meninas negras se enxergam cada vez mais no lindo espelho da mãe-África e juntas levam a vida resistentes e felizes.

Meninas Negras é mais um exemplo do empoderamento que se deseja passar ao leitor e às crianças. Através da escola as meninas aprendem um pouco da trajetória e das características de seu povo, se reconhecem enquanto meninas negras e juntas resistem, fortalecendo suas histórias e assumindo uma postura de luta contra as desigualdades.

Outra obra que expressa a riqueza da contribuição dos negros na formação da cultura brasileira e o rompimento das desigualdades é *Koumba e o tambor diambê*, também de Madu Costa e da Editora Mazza, publicado em 2006. O livro conta a história de Koumba, um menino negro que toca diambê, um tipo de tambor. A música que se espalha por todos os lugares onde passa é representada como a canção do povo negro, canção que veio da África, a música da liberdade. O livro finaliza com a mensagem de que é hora de cantarmos a igualdade, de curtir as diferenças e de quebrar as correntes do preconceito racial. A literatura traz através do instrumento musical a diversidade racial e a valorização da cultura africana.

A história *O amor tem todas as cores* de Márcia Honora, da Coleção Ciranda da diversidade também proporciona ao leitor pensar sobre a diversidade racial. Da editora Ciranda Cultural e publicado em 2009, narra a história de uma vaquinha chamada Branca, ela era proprietária de uma fazenda onde criava coelhos de raça preta. Dona Branca queria muito casar e ter uma família. Perto dali Morava seu Negreiro, um boi muito simpático que criava coelhos brancos, ele era viúvo e sentia falta de uma companheira. Um dia ambos foram informados que haveria um leilão de coelhos. No dia marcado, Dona Branca levou sua coelha mais bonita, seu Negreiro fez o mesmo, ambos precisavam comprar coelhos que pudessem fornecer novos coelhinhos para a fazenda. Os dois chegaram cedo e se olharam, o coelho dela desfilou com elegância, e para sua surpresa aquele boi simpático havia se interessado por sua fêmea. No desfile dos machos, Dona Branca se interessou pelo coelho, achou muita coincidência gostar do coelho apresentado pelo senhor que não parava de olhar para ela. Os dois foram então chamados para trocar os animais, aproveitaram também para trocar seus endereços virtuais. Quando o novo coelho chegou na fazenda dela, foi um alvoroço, logo uma coelha já começou a namorá-lo. Na fazenda do Negreiro foi igual, a coelha logo foi pedida em casamento por um coelho bem bonito. Dona Branca recebeu uma mensagem de seu

Negreiro para um encontro, estavam muito felizes com a troca, na hora de ir embora ele pediu ela em namoro, os dois sabiam que as diferenças de cor e pele não tinham a mínima importância, o mais importante é o que tinham no coração e os dois tinham muito carinho um pelo outro. Uma grande festa aconteceu no dia do casamento.

O livro tem como objetivo expor a questão da diversidade racial enfatizando que a cor da pele não deve interferir nas relações estabelecidas. Interessante pontuar que a questão da raça não foi trabalhada através de personagens humanos, e sim animais. Talvez, essa opção por parte do autor deseje dar subsídios ao professor/a leitor/a para trabalhar o multiculturalismo através da ludicidade e da imaginação. Já para os adultos, no final do livro há um texto informativo sobre preconceito racial.

A última literatura a ser analisada desta categoria é *Cartas entre Marias*, Virginia Maria Yunes do ano de 2009, publicado pela editora Evoluir. Trata-se da única obra cujas ilustrações destoam do conjunto de literaturas; seus recursos visuais são imagens retratadas por uma fotógrafa em África. O livro narra uma aldeia africana a partir dos olhos de duas meninas, Naná e Cris, que moram em Florianópolis. O pai de Naná trabalha com plantas medicinais e foi convidado para fazer uma pesquisa em uma aldeia no interior de Guiné-Bissau, em África. Ali começa a troca de cartas entre as duas amigas de colégio, que através da escrita falam de seu cotidiano, das experiências, das famílias, tecendo impressões de aproximação e distanciamentos entre suas vidas e das demais crianças da aldeia.

A narrativa aborda muitos aspectos do multiculturalismo, das diferenças étnicas, dos povos, seus costumes e modos de se comunicar. As fotografias são belíssimas e ilustram de forma brilhante os relatos sobre a aldeia, os alimentos, as vestimentas e os fazeres da aldeia.

Encontrar literaturas infantis que proporcionem identificações entre o leitor e os personagens, promovendo o reconhecimento e valorizando suas características, sua história, cultura e ancestralidade é um avanço significativo para discutirmos questões étnico-raciais e



contribuirmos para práticas de cidadania baseadas em valores humanos, sem distinções de qualquer natureza.

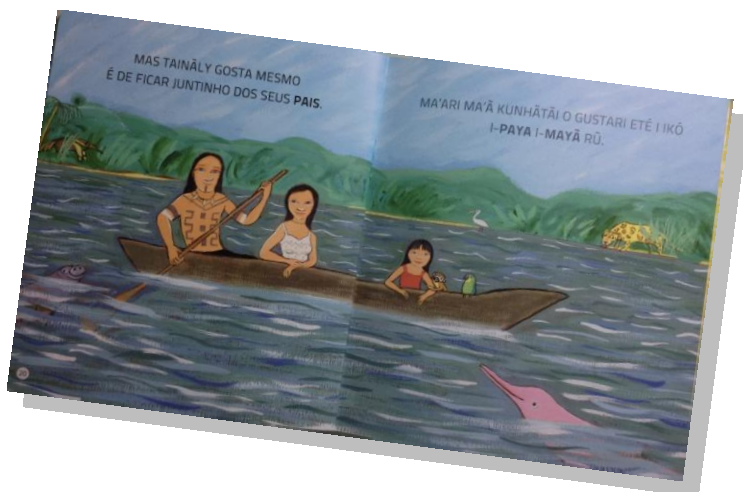
Abordar essas literaturas no contexto da educação infantil é possibilitar que as crianças sejam protagonistas de enredos que historicamente foram desprestigiados, em privilégio de apenas um grupo étnico, o dito “branco”. Fortalecer suas identidades a partir da construção de imagens reais e não estereotipadas, é contribuir para a autoafirmação dessas crianças e possibilitar novos conhecimentos a respeito de sua história como parte de uma cultura legítima. Deve ser compromisso do/a professor/a, possibilitar que essas crianças sejam representadas em todos os contextos da escola, incluídas as literaturas, que fazem parte do cotidiano educativo. O poder das narrativas literárias está em aguçar o imaginário, enaltecer sujeitos e criar mundos paralelos, mas também possuem a capacidade de deixar marcas, de reproduzir o racismo e a hegemonia racial de que tanto buscamos nos afastar. Daí a importância não só do suporte, mas da mediação do/a educador/a.

2.2 Indígenas: valorizando povos, histórias e culturas

Foram encontradas duas literaturas que abordam as questões indígenas tendo como foco a descrição de sua cultura, seus hábitos e modos de viver. Descreveremos a seguir tais obras no sentido de valorizar seus aspectos étnicos.

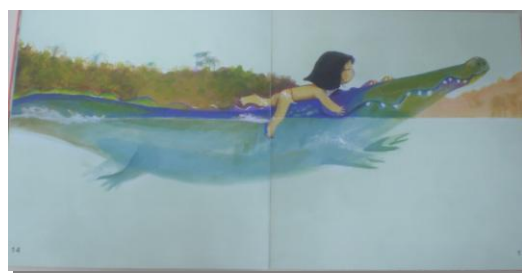
A primeira literatura é da editora Positivo, publicada no ano de 2014, intitulada *Tainãly, uma menina Maraguá (Tainãly, yepé tainãê Maraguá)* de Lia Minápoty. A narrativa é desenvolvida em duas línguas, português e maraguá, a língua de um povo indígena que vive no Estado do Amazonas. Tainãly é a personagem principal, que durante a história ela contando um pouco sobre sua aldeia, sobre do que gosta de brincar, de comer, apresenta seu bicho de estimação e vai convidando o leitor a conhecer muitas palavras novas.

Esse livro é muito interessante, pois além de relatar o cotidiano da menina de Maraguá que vive no norte do Brasil, mostrando um pouco de seus hábitos, brincadeiras e comidas típicas,



também apresenta sua língua. Desse modo o autor consegue aproximar o leitor da sua realidade, ofertando a possibilidade de realizar a leitura também na língua maraguá; essa troca torna o enredo ainda mais atraente. As questões de gênero aparecem de forma bem superficial nesta narrativa, ficando mais evidente apenas nas divisões de trabalho que são realizados na aldeia. Aos homens são atribuídas às tarefas da pesca, às mulheres, o preparo das refeições, e Tainãly aparece colhendo frutas.

A segunda narrativa é *Abaré*, escrita por Graça Lima e da editora Paulus, foi publicado em 2009. O livro inicia apresentando o significado de abaré em tupi-guarani, que em português significa amigo. Não possuindo linguagem escrita, apenas visual, apresenta a história de uma criança indígena que vive um dia de aventura com seus amigos da mata: a onça, o jacaré, os peixes, os macacos, a cobra, os pássaros, o gavião que a leva para voar e lá de cima a menina consegue ver sua aldeia. A noite ela conta à sua tribo todas as aventuras que vivenciou com seus abarés.



Essa história também chama muito a atenção da pesquisadora, pois é única literatura que não apresenta escrita. As belas ilustrações são responsáveis pelo enredo. Apesar disso, é possível perceber claramente o cotidiano da criança apresentada e seus amigos que vivem ao



redor da aldeia. Além das aventuras vividas, mostra alguns costumes adotados na sua tribo, como por exemplo, a roda no final do dia em volta da fogueira e as histórias contadas oralmente compartilhadas de geração em geração. Além disso, as ilustrações valorizam muitas questões que para as comunidades indígenas são essenciais, como os elementos da natureza, o sol, a mata, os animais, a comunidade, aspectos da cultura local que em algumas vezes difere daqueles valorizados nas cidades grandes.

A possibilidade de trabalhar com as crianças literaturas que permitam explorar outras culturas, modos de viver, se alimentar e se

vestir é de uma riqueza ímpar para inserir a temática da diversidade. Através da mediação do/a professor/a pode-se desenvolver propostas significativas atentando para as diversas formas de organização em sociedade, destacando elementos que nos constituem enquanto seres humanos, mas que diferem de uma cultura à outra. Apresentar para as crianças outras realidades, que diferem da nossa em termos de moradia, de aprendizagem, de alimentação, de vestuário, de comunicação, amplia as referências das crianças e promove o reconhecimento da diversidade a partir da empatia pelo outro, valorizando e respeitando as singularidades dos sujeitos.

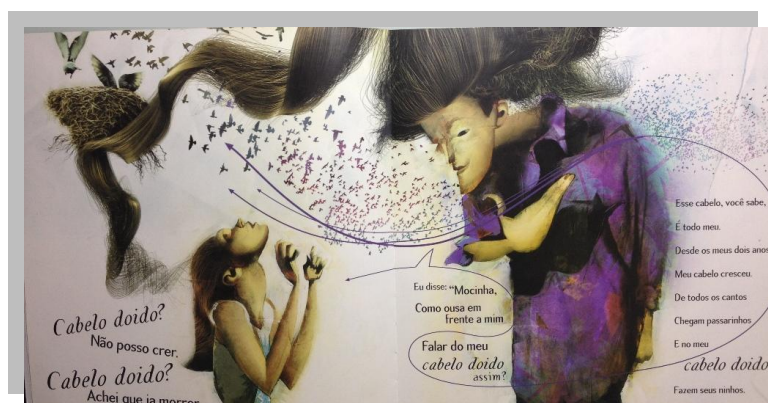
2.3 Questões sobre diversidade: as pluralidades que nos constituem

Tendo em vista as múltiplas facetas da diversidade, destinamos esse tópico para discorrer sobre as obras que contemplam outras formas de pluralidade. Explicitaremos a seguir dez obras encontradas que se encaixam nessa categoria, no decorrer da descrição analisaremos suas especificidades e problematizaremos seus conteúdos.

A primeira literatura apresenta o nome fundante deste tópico *Diversidade* de Tatiana Belinky, foi publicada pela Editora Quinteto no ano de 1999. Seu enredo apresenta a diversidade encontrada em todos nós, mostrando que cada um é de um jeito e que o outro pode ser diferente. Evidencia as características físicas distintas, a personalidade, aparência, modos de se expressar, utilizando a rima e a ilustração de forma bem humorada. O final da narrativa reforça a positividade da diferença, argumentando que não seria legal se todos fossem iguais.

O livro aborda o conteúdo de forma muito relevante, tem uma linguagem acessível e ao lidar com as questões da diversidade humana as apresenta de forma descontraída e bem humorada. Uma questão pertinente a ser pontuada: apenas em um trecho o autor diz – para demarcar a diferença de gênero - que “um é menino e outro é menina”, e com isso acaba polarizando os personagens e excluindo as outras possibilidades de os sujeitos se reconhecerem. Ainda assim, consideramos que a literatura tenta positivar a diferença entre

meninos e meninas.



Cabelo doido de Neil Gaiman e Dave McKean, é a segunda literatura escolhida, publicada pela editora Rocco

Pequenos Leitores, em 2010. A obra impressiona pela ilustração criativa e inusitada que apresenta fios de cabelo compondo todos os cenários. Conta a história da menina Bonnie e do personagem principal - que não possui nome na narrativa - com seu cabelo doido. Tudo começa quando a menina pergunta ao homem que cabelo doido era aquele, que fica perplexo perguntando como ousa falar de seu cabelo daquele jeito, cabelo que tem desde os dois anos de idade. A narrativa vai contando as ilustres visitas que moram e passeiam sobre seu cabelo, como passarinhos, cacatuas e borboletas, gorilas, tigres, preguiças e leões. Há também caçadores em expedições, dançarinos que tocam melodias (há ilustrações de personagens que remetem à cultura africana), balões enormes que descem para pousar, piscinas, tobogãs, caminhos desviantes, voltas embaraçadas, baús de tesouros, navios piratas. A menina mostra seu pente e diz para ele passar em seu cabelão, pois é isso que ela faz quando o seu cabelo fica doido assim. Ele acha loucura, avisa que já tentou e que a escova foi comida por um urso que vagava pelo seu cabelo doido. Bonnie então penteia, lava, esfrega e enxuga seu cabelo, quando termina surge um barulho lá de dentro, uma cabeça enorme resmunga e pergunta o que está acontecendo, então um braço surge e menina some. O fim da narrativa conta que Bonnie se diverte por lá, encontrando todos os personagens do livro e os ajudando em suas aventuras, finaliza contando que naquele cabelo doido ela está protegida.

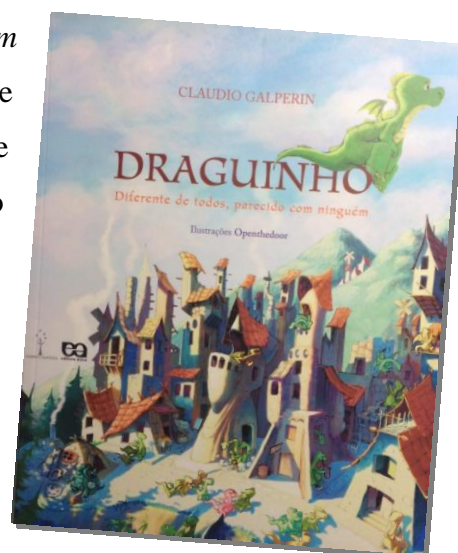
Através de rimas, o livro vai apresentando um enredo muito atraente, com o objetivo de valorizar o cabelo do personagem. O autor tem a preocupação em expor o cabelo como uma forma legítima de representação, pois é fruto do desejo do indivíduo em assim se apresentar. Nesse sentido, o personagem se sente ofendido ao ter que se encaixar em um estereótipo construído socialmente e ao qual a menina deseja que ele se adeque.

A obra *Pedro e Tina* de Stephen Michael King, também tem a intenção de valorizar as diferenças. Da editora Brinque-book e publicado em 1999, a história inicia com Pedro relatando suas vivências: todas as vezes que tentava desenhar uma linha reta, ela saia torta; quando todos olhavam para cima, ele olhava para baixo; até que Pedro encontrou com Tina, que fazia tudo certinho: nunca amarrava errado seus sapatos, sempre lembrava do guarda-chuva, sabia escrever seu nome. Pedro ficava encantado com Tina, que lhe mostrou a diferença entre o direito e esquerdo, a frente e as costas, em cima e em baixo. Um dia eles quiseram construir uma casa na árvore e Pedro juntou várias coisas para enfeitá-la. Tina fez um desenho para que a casa ficasse bem firme, no fim, ficou perfeita. Só que bem no fundo Tina queria que tudo que fizesse não fosse tão perfeito, então Pedro a ajudou, ensinando-a a

andar de costas, a rolar morro abaixo, a vestir roupas que não combinavam, tornando-os amigos inseparáveis para sempre.

De uma forma sutil e bonita a história de Tina e Pedro mostra a importância das diferenças em nossas relações, valorizando as singularidades de cada sujeito, enaltecendo suas qualidades e nos constituindo enquanto sujeitos a partir das relações que estabelecemos e trocamos com o outro. Esta narrativa possibilita abordar diferentes propostas com as crianças. É possível desenvolver conteúdos que positivem suas habilidades específicas, percebendo as diferenças que nos compõem e despertando a valorização de si e do próximo por meio da elevação da autoestima e da confiança. Nesse sentido, além de discutir sobre a diversidade, esta narrativa contribui para o desenvolvimento emocional e social, potencializando a formação de uma identidade positiva para cada sujeito.

Draguinho: Diferente de todos, parecido com ninguém de Claudio Galperin, foi publicado no ano de 2005 pela editora Ática. O livro conta a história de Draguinho, um dragão que soltava, ao invés de fogo pelo nariz, água. Ele era zombado pelos amigos de classe, apenas Drica se preocupava com ele. Seu avô, tentando consolá-lo, insistia que ele ainda não havia desenvolvido seus poderes especiais e que a beleza do mundo estava justamente no fato de todos serem diferentes uns dos outros. Mas Draguinho não queria ser diferente. Passava



dias sem ir a escola ou sair de casa. Em uma madrugada Draguinho resolveu sair e procurar o seu lugar, um lugar onde todos os dragões soltassem água pelo nariz. No caminho, o sono lhe fez parar, e não conseguindo acender uma fogueira com o nariz, teve que girar um graveto sobre o outro, isso o deixou muito triste. Quando acordou, levou um tremendo susto: um elefante estava olhando para ele e após se apresentarem, Draguinho notou que ele não tinha tromba e perguntou se também havia fugido por isso. Jasper respondeu que havia nascido sem

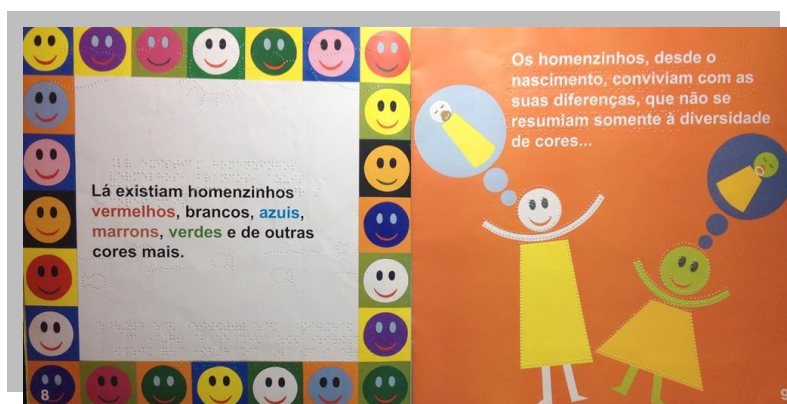


ele e que não sabia de onde ele tinha tirado essa ideia. Cada dia que passava, o dragão ia fazendo mais amigos, e como gostava de desenhar registrava tudo em seu caderno. Por exemplo, a falta da tromba de Jasper, que lhe

proporcionava grande velocidade, ninguém sendo ali mais veloz do que ele; a Ivy, uma vaca que punha ovos em vez de leite; a Ariela, uma galinha do mato que era a cantora de ópera da floresta; Oscar, um leão que miava sempre que tentava rugir; e a Dália, a onça pintada que não tinha nenhuma pinta. Em uma noite, já cheio de saudade e memórias, Draguinho resolveu voltar para o seu lugar, a sua casa. Quando retornou, um incêndio estava tomando conta da aldeia e todos corriam assustados. Os baldes de água que os dragões jogavam em nada diminuía o fogo. Draguinho tentava cuspir água, mas as casas eram muito altas. No meio da confusão Draguinho encontrou Drosh, um dos colegas que zombava dele na escola, porém dessa vez ele se comportou diferente e teve uma ideia: colocou Draguinho nas costas e juntos eles conseguiram apagar todo o fogo da aldeia. Draguinho recebeu muitos cumprimentos e todos ficaram agradecidos. A festa em homenagem aos dois dragões foi a mais animada que já aconteceu, convidados chegavam a todo o momento, inclusive os novos amigos de Draguinho. O livro termina com Draguinho e Drosh conversando que não salvaram apenas a aldeia, mas que encontraram um no outro uma amizade que os uniria para sempre.

Apesar da literatura ser bastante extensa, com longos textos situados em 48 páginas, aborda um conteúdo muito significativo ao tratar as diferenças como componentes imprescindíveis da coletividade. Na contracapa há uma indicação que sugere que a leitura individual do mesmo é a partir de 06 ou 07 anos de idade, no entanto, que a leitura compartilhada pode ser feita a partir de 03 anos. Na literatura o personagem principal foge por não saber lidar com a diferença e durante suas descobertas percebe que não está sozinho no mundo. No fim da narrativa ele utiliza sua singularidade para ajudar a comunidade.

Um mundinho para todos escrito por Ingrid Biesemeyer Bellinghausen, da editora DCL e publicado em 2006, conta a história de um mundinho muito colorido, com tantas cores que os homenzinhos que viviam lá nunca conseguiam contá-las. As cores estavam em toda parte, na natureza e até nos habitantes do mundinho, que eram vermelhos, brancos, azuis, marrons, verdes, entre outras.



Desde que nasciam, os homenzinhos conviviam com suas diferenças, que não se baseavam apenas em suas cores, cada um tinha um jeito diferente e aprendiam com isso. Aqueles que

moravam no norte gostavam de andar descalço e tomar sorvete, pois fazia muito calor; os do sul eram diferentes, usavam gorro, cachecol e gostavam de chocolate quente. Alguns homenzinhos não enxergavam muito bem e precisavam de ajuda para caminhar, outros não escutavam direito e os que eram mudos, se comunicavam através de gestos. Cada homenzinho tinha sua forma de agradecer, mas todos amavam a natureza e faziam de tudo para preservá-la. Existia também aqueles que não podiam andar e por isso usavam cadeiras de roda. Na escola, algumas crianças aprendiam rápido, outras precisavam de mais ajuda. Todos reconheciam o valor de cada um e respeitavam suas diferenças, pois o mundinho era para todos.

A diversidade é representada nesta narrativa de diferentes modos, pode-se observar que o autor busca enfatizar a diversidade racial, religiosa, as deficiências –físicas, visuais, auditivas, de aprendizagem - os costumes e características de diferentes lugares. Esta narrativa é bastante completa para abordar a diversidade com as crianças, já que enfatiza vários aspectos da diferença, abordando a pluralidade dos indivíduos e o modo como vivem em harmonia, respeitando e compreendendo o valor de cada sujeito. O livro busca contemplar leitores com visão subnormal e com deficiência visual, possuindo também o texto impresso em braile.



A história *Ana e Ana* de Célia Godoy foi publicada em 2003, pela DCL. A narrativa é sobre duas irmãs gêmeas, Ana Carolina e Ana Beatriz que eram bebezinhas muito parecidas. A avó das meninas se atrapalhava toda vez: dava duas mamadeiras pra uma, dois banhos na outra. Quando cresceram a confusão era ainda maior, pois uma refletia a imagem da outra no espelho. Mas eram iguais apenas por fora. Ana Carolina gostava de vermelho, Ana Beatriz de azul, uma de macarrão, a outra de salada. Uma ouvia música alta, outra detestava barulho, preferia conversar com os bichos e animais. Ana Carolina gostava de ser o centro das atenções e era rodeada de amigos, já Ana Beatriz gostava de ficar na pracinha, com crianças menores. As gêmeas ficavam irritadas quando ganhavam tudo igualzinho, não entendiam por que queriam que se vestissem como uma pessoa só. As meninas cresceram e mudaram o cabelo, as roupas, estudaram e foram trabalhar no que quiseram, uma numa estação de rádio e a outra viajou para longe para proteger animais ameaçados de extinção. O tempo foi passando, já muito tempo sem se verem, Ana Carolina sentiu uma saudade muito grande de

Ana Beatriz que também sentiu o mesmo pela irmã. Uma telefonou para a outra e elas finalmente marcaram um encontro. Foi uma alegria só, se abraçaram se beijaram, choraram, se lembraram da infância, das birras e brincadeiras. E nesse dia descobriram que além da aparência, o amor que tinham uma pela outra era igual.

A obra apresenta um enredo muito original, além de problematizar a questão da individualidade de cada sujeito, apesar de terem a aparência igual, apresenta protagonistas negras, valorizando suas identidades e enaltecendo suas personalidades. Outra questão que chama atenção no início da narrativa é o fato das meninas protagonistas serem cuidadas pela avó, isso denota uma configuração familiar cada vez mais presente na atualidade, no qual as matriarcas são responsáveis pelos cuidados cotidianos dos netos. Talvez isso se dê pelo fato da mãe possuir outros papéis sociais, como profissional que trabalha fora de casa, ou ainda, pode sugerir a ausência, provisória ou permanente, dos genitores em suas funções de pai e mãe.

Protagonistas negros também são destacados no livro *Salão Jaqueline* de Mariana Massarani publicado em 2009 pela Nova Fronteira. A história é narrada pela filha de Jaqueline, que é cabelereira. Suas famosas tesouras deixam suas clientes mais bonitas e felizes. As clientes saem parecendo mais novas, chegam tristes e saem felizes, até corte de cabelo de criança ela faz. Quem tem cabelo crespo sonha com alisamento, quem tem liso, sonha com cachos; todo mundo quer mudar de vez em quando. Sua tia preferida vai casar e o menino vai ser o pajem, ele pediu para a mãe pintar seu cabelo de azul e no fim todos gostam do resultado. A literatura enfatiza a diversidade presente em um salão de beleza, envolvendo não só a aparência dos clientes, mas também a conquista da autoestima e de momentos marcantes na vida dos protagonistas.

A obra *Arca de ninguém* de Mariana Caltabiano, da editora Scipione foi publicada em 2003, tendo como enredo a convivência com as diferenças. Há muitos anos houve uma grande enchente na terra. Noé construiu uma arca para salvar os animais, mas teve muitos problemas para convencer os bichos a entrar na arca, pois não queriam se misturar. Os macacos queriam ir na primeira classe pois se achavam mais espertos, ninguém queria ir com os porcos por causa do cheiro ruim, os ratos tinham medo dos gatos, os gatos dos cachorros... E assim várias confusões foram surgindo entre os bichos. Os animais não percebiam que o mundo ia acabar e continuavam discutindo. Noé então pediu a eles que parassem de agir como humanos e esquecessem suas diferenças pelo menos naquele dia. O elefante disse que não poderia esquecer por causa de sua memória grande e o macaco fez pouco caso da água que não parava

de cair. Só que a água subia cada vez mais rápido, quando viram que não havia mais saída, subiram todos na arca. Lá dentro, tiveram que conviver e perceberam que não era nenhum bicho de sete cabeças, e que apesar das diferenças, estavam todos no mesmo barco – literal e metaforicamente - e que ninguém era melhor do que ninguém.

Em muitas narrativas que abordam a diversidade, costuma-se utilizar animais como protagonistas para elucidar as diferenças. A partir de Silveira, Bonin e Ripoll (2010) entende-se que isso acontece geralmente quando se pretende abordar de maneira mais atenuada questões humanas conflitivas. De acordo com as autoras, é preciso que atentemos a essas literaturas para não cairmos em conclusões distorcidas a partir desse recurso metafórico. O que elas problematizam é que em muitas obras tais personagens [animais] parecem sugerir uma relação entre as diferenças e/ou as coisas que enxergamos como “naturais”, e que consequentemente situamos em oposição à cultura. Em suas palavras,

a alusão a elementos ‘naturais’ nos textos explicativos (de forma referencial ou metafórica) sugere que identidades e diferenças sejam tomadas como coisas do domínio da natureza, e não como construções da cultura [...]. Tudo ocorre, então, como se a diferença fosse uma característica própria dos sujeitos e não efeito de relações de poder e de classificações que inventamos e que produzem hierarquização, posicionando em desvantagem aqueles que consideramos diferentes a partir de normas, valores e símbolos culturais da identidade na qual nos posicionamos (SILVEIRA, BONIN e RIPOLL, 2010, p 101).

A descoberta de Leila de Márcia Honora da Coleção Ciranda da diversidade, publicada em 2009 pela editora Ciranda Cultural, embora não se encaixe nessa leitura mencionada no parágrafo anterior, também apresenta animais em sua narrativa para abordar questões sobre o preconceito, a partir de julgamentos que fazemos ao próximo. A literatura conta a história de Leila, uma ovelha que tinha um defeito muito feio, gostava de reparar nas outras ovelhas. Para Leila, só ela era perfeita. Achava umas gordas, outras dentuças, outras tinham manchas nos pelos, e com seu jeito desagradável magoava todos ao seu redor. As ovelhas se afastavam cada vez mais, Leila continuava sozinha, mas não mudava seu jeito. Até que um dia sua mãe lhe disse que iriam receber a visita dos tosquiadores. Todas fizeram um fila, Leila quis ser a primeira sem saber o que aconteceria, eles amarraram suas patas e ligaram uma máquina que fazia um barulho estranho, Leila ficou com medo. A maquininha cortava pelos, e em pouco tempo ela estava toda tosquiada, aquele pelo branquinho que a deixava bonita e fofa deu lugar a uma pele enrugada e com verrugas. Ela nunca havia se visto sem pelo, e quando soube que por baixo dele havia uma ovelha tão feia, ficou envergonhada. Todas as outras riram dela, e cochicharam sobre a descoberta que fizeram: a de que Leila não era perfeita. Aquela situação a fez pensar em como andava se comportando, estava

arrependida. Com o tempo foi se acostumando com o visual, sabia que seu pelo cresceria de novo e se tornou mais gentil com todos, pois tinha aprendido uma lição: a de que às vezes apontamos os defeitos dos outros e nos esquecemos de olhar para nós mesmos.

O último livro faz parte da coleção Ciranda das diferenças, seu título é *O problema da centopeia Zilá* também de Márcia Honora, publicado no ano de 2008 pela editora Ciranda Cultural. Nele é contada a história de uma centopeia chamada Zilá que tinha uma de suas perninhas mais curta do que as outras. Um dia quando ia trabalhar encontrou uma loja que vendia muitos produtos diferentes como muletas, cadeiras de roda, etc. Depois de muito pensar, entrou, perguntou se tinha algum produto que deixasse a diferença entre as suas perninhas menor, e o vendedor lhe mostrou todos os sapatos especiais. Enquanto fazia o pagamento o vendedor escrevia em um papel em formato de coração um bilhete: recebeu dele um convite para jantar. Ela ficou muito nervosa com seu primeiro encontro, resolveu estrear seu sapatinho novo e estava se sentindo bem melhor com ele, percebia que a diferença que sentia entre seus pés estava mais suave. Naquela noite começaram a namorar, o sapatinho havia lhe trazido uma grande surpresa.

Esta obra é uma das únicas que apresenta um enredo específico sobre a deficiência física, abordando com sutileza o fato da personagem conseguir ultrapassar as barreiras da deficiência no seu cotidiano.

Na educação infantil a diversidade está presente em todos os momentos, pois ela nos constitui enquanto sujeitos e a temática impreterivelmente aparece no dia a dia. Expor para as crianças as nossas diferenças exaltando as potencialidades, habilidades, saberes e fazeres é uma prática de valorização humana. O convívio com as diferenças – deficiências, identificação de gênero, religiosas, étnicas ou raciais - nos permite apreender as pluralidades e trabalhar a coexistência com elas. Como educadores/as temos sempre em mente a formação de cidadãos comprometidos com a busca pela superação das desigualdades e a promoção da justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a oportunidade de cursar a Especialização de Gênero e Diversidade ampliou e desestruturou nossa “visão de mundo”, pois nesta trajetória foi possível responder algumas questões – e indagar outras tantas - que não foram sanadas em nossa formação inicial, mas que hoje se tornam fundamentais na prática pedagógica. Esperamos que esse trabalho possa contribuir no que diz respeito ao domínio e empoderamento dos professores e professoras sobre a literatura infantil que preza a valorização da diversidade, a promoção da igualdade e a problematização dos estereótipos de gênero.

A busca por literaturas infantis que estivessem atentas às questões de diversidade e à promoção de práticas que valorizassem *todos* os sujeitos, sem distinções de qualquer natureza, foi o impulso norteador para a realização deste trabalho. Essa busca não era em vão, mas objetivava reportar sobre a viabilidade do trabalho com a literatura com crianças para a inserção de temáticas ligadas às relações de gênero e étnico-raciais.

A partir da pesquisa documental com as literaturas e da consequente análise dos resultados, foi possível identificarmos uma série de narrativas que veiculam discursos de valorização à diversidade. Mesmo que algumas dessas literaturas reproduzam certos estereótipos e padrões sociais – sobretudo de gênero - percebemos que há um esforço por parte das editoras em produzir conteúdos literários que abordam principalmente as questões étnico raciais e o multiculturalismo. Com relação a isso, é possível percebermos o surgimento de grupos editoriais específicos, que por meio de suas publicações crescentes, denotam a preocupação de refletir e difundir através da literatura infantil e infantojuvenil, obras que discutam tais temáticas. Podemos notar que essas publicações ganharam força a partir do ano 2000, período em que grande parte dessas narrativas foram produzidas e publicadas. Talvez isso se deva às grandes conquistas obtidas pelos movimentos sociais, que a partir de suas lutas, abrem cada vez mais espaços para o diálogo, defendendo a importância das questões que abordam a pluralidade e o rompimento de paradigmas sociais.

O número de livros com protagonistas negras nas literaturas analisadas chamou a atenção na pesquisa. Ponto que consideramos positivo, pois tal protagonismo é fundamental para que as crianças se sintam representadas, não só na literatura e na educação infantil, mas nos mais diversos âmbitos sociais. Tendo em vista a responsabilidade do/a docente para com o empoderamento das crianças negras, bem como da necessidade de que se vejam como atores sociais, a utilização dessas literaturas objetivam instigar o desenvolvimento de um senso crítico e do questionamento, por exemplo, dos estereótipos e das invisibilidades com

que diariamente nos deparamos. O empoderamento para as crianças negras, se baseará no reconhecimento de sua história, na autoafirmação, na valorização da sua cor, de suas características, das suas heranças e ancestralidades. Para a totalidade das crianças, espera-se que possa se somar à luta antirracista e da busca pela equidade.

Literaturas voltadas à cultura africana também demonstraram conteúdos muito ricos para promover discussões que abordam a constituição da sociedade brasileira e do nosso reconhecimento enquanto sujeitos participantes dessa história, abordando ancestralidades e descendências. A representação da família afro-brasileira foi destaque ao ser positivada em grande parte das histórias analisadas, expondo valores, crenças, costumes herdados por antepassados, que perpetuaram gerações e que deixam a resistência e a luta como forma de legado. Tais questões se somam às narrativas indígenas, que enaltecem aspectos culturais marcados por formas de organizações sociais, comportamentos e práticas que atravessam gerações, ampliando as referências de mundo das crianças e promovendo o reconhecimento da diversidade, a partir da empatia e da valorização do outro.

Consideramos que as literaturas infantis que abordam conteúdos relacionados às configurações de gênero ainda se mostram insuficientes. O número de literaturas encontradas e analisadas demonstra a ausência de narrativas com essa temática para o público infantil, principalmente com textos relevantes que ampliem a discussão e se posicionem com relação aos comportamentos demarcados e papéis sociais atribuídos para meninas e meninos. Ou seja, faltam literaturas que questionem os estereótipos de gênero, que problematizem as posturas, habilidades, modos de ser e se comportar com base na identificação de sexo/gênero. Elementos que, em grande medida, são encontrados em todas as narrativas analisadas.

A mulher embora tenha aparecido em ocupações extra-domésticas, ainda carrega preocupações em desempenhar seu papel como mãe, de maneira sublime. Sua personalidade é retratada a partir de posturas cautelosas e delicadas. A figura paterna, como coadjuvante, denota heranças da norma familiar burguesa e de construções históricas que ecoam nos dias atuais, presentes até mesmo na literatura infantil. Quando viram protagonistas, a masculinidade dos personagens está atrelada à força, à coragem, à autossuficiência e à bravura. Romper com paradigmas que exaltam o sexismo, o machismo e o patriarcado é fundamental para construirmos relações baseadas no respeito e na igualdade. Adotar como compromisso a desconstrução dessas concepções, problematizando estereótipos, é o que desejamos em nossas práticas cotidianas junto às crianças.

A diversidade nas literaturas também foi retratada de diferentes modos, variados/as autores/ras buscaram enfatizá-la em suas múltiplas facetas, como nas questões religiosas, nas deficiências –físicas, visuais, auditivas, de aprendizagem - nos costumes, identidades, configurações familiares e lugares. Abordando aspectos positivos da diferença, as narrativas valorizaram relações, habilidades e singularidades dos sujeitos. Apostaram, sobretudo, na elevação da autoestima e na confiança dos personagens, proporcionando conseqüentemente sentimentos similares no leitor, que pode se identificar e se reconhecer nos enredos, empoderando-se diante das desigualdades e exclusões que o cercam.

Faz-se necessário expor que analisando as literaturas e tecendo as problematizações, tivemos questões desafiadoras. Foi preciso atentar às diversas minúcias do texto, para que nas “entrelinhas” fosse percebida alguma fragilidade. Determinadas questões, de início, passaram despercebidas e a partir da reflexão, vieram à tona. Isso acontece, assim entendemos, pois também estamos inseridos e fazemos parte desta cultura – machista, sexista, homofóbica, racista – e precisamos todos os dias fazer o esforço de romper com tais preconceitos. Nesse sentido, o caminho possível é perceber essas práticas que já estão “cristalizadas” em nossa maneira de pensar. Para isso, é necessário estarmos atentos às representações sociais, estereótipos e padrões demarcados, pois isso permitirá que nos posicionemos e problematizemos essas concepções.

Como possibilidade de uma investigação futura, apontamos a necessidade de pesquisar para além do acervo literário disponível nas instituições, a maneira na qual os conhecimentos estão sendo mobilizados pelos/as profissionais a respeito do tema, e o que vem sendo oferecido nas formações continuadas para que possam expandir suas habilidades em trabalhar pela promoção da diversidade.

A responsabilidade que temos na formação dos indivíduos é inequívoca. Através de um suporte voltado às crianças, como a literatura, podemos incorporar a temática da diversidade e incentivar o respeito e a convivência com as diferenças. A busca pela igualdade e pela valorização dos direitos que procuram promover a equidade de gênero, classe social e raça/etnia, pode ter encontrado na literatura infantil um grande aliado. Cabe ao mediador/a fazer também o seu papel.

REFERÊNCIAS

AREND, Sílvia Maria Fávero. **Histórias de abandono**: Infância e justiça no Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2011. 352 p.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. In: **II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem**: Diversidade, Ensino e Linguagem. Cascavel/PR, p. 1 – 12, 06 a 08 de outubro, 2010.

CARNEIRO, Liliane Bernardes. **Leitura de imagens na literatura infantil**: desafios e perspectivas na era da informação. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Universidade de Brasília.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p.13-18, jan./abr. 2014.

COSSE, Isabela. **Pareja, sexualidad y familia en los años sesenta**: una revolución discreta en Buenos Aires. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010. 264 p.

COSTA, Marcele Arruda Cabral. **Identidade étnico-racial em contexto lúdico**: um jogo de cartas marcadas? 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará.

DEBUS, Eliane Santana Dias; VASQUES, Margarida Cristina. A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p.133-144, mai./ago. 2009.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2007.

FELIPE, Jane; FERREIRA, Suyan. Literatura infantil e relações de gênero: o tema do amor romântico. **Textura**, **Canoas**, n. 24, p.37-51, jul./dez. 2011.

GRAUPE, Mareli Eliane; SOUZA, Lúcia Aulete Búrigo. **Gênero e educação**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Raça, cor e outros conceitos analíticos**. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. **Raça**: novas perspectivas antropológicas. Salvador: ABA/EDUFBA, 2008. p. 63 - 82.

KLEIN, Madalena. Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares. **Pro-posições**, Campinas, v. 21, n. 161, p.179-195, jan/abr. 2010.

LIONÇO, Tatiana. **Gênero e sexualidade na prática didático-pedagógica: saúde, direitos humanos e democracia**. ANIS: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, n. 69, ano

IX, set. 2009. Brasília: Letras Livres. Disponível em: <http://www.anis.org.br/biblioteca/201411/sa69_lionco_generosexualidadeescolaspdf.pdf>. Acesso em: 14 janeiro de 2015.

LOBO, Elisabeth Souza. Resenha: Ordem médica e norma familiar. Freire Costa, Jurandir. Graal, Rio de Janeiro, 1979. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 37, mai. 1981.

QUEIROZ, Cláudia Alexandre. **De uma chuva de manga ao funk de Lelé: imagens da afrodiáspora em uma escola de Acari**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, Leandra Jacinto Pereira. **Educação infantil pré-escolar: um espaço/tempo para práticas antirracistas**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Shirlene Almeida dos; AMPARO, Marcelo Caló. **A criança negra na literatura infantil contemporânea de autoria feminina**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACOLHENDO LÍNGUAS AFRICANAS - SIALA, 1., 2014, Salvador - BA. Seminário. Salvador: Universidade do Estado da Bahia - Uneb, 2014. p. 1 - 15.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: https://ia601403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf. Acesso em: 19 mai. 2015.

SENA, Tito. Os estudos de Gênero e Michel Foucault. **Especialização em gênero e diversidade na escola: Livro III, Módulo III**. Tubarão: Ed. Copiart, 2015.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; SOUZA, Gizele de. Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas em Educação Infantil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p.35-50, jan./mar. 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 15, n. 43, p.98-108, jan./abr. 2010.

TELES, Carolina de Paula. Linguagem Escolar e a Construção da Identidade e Consciência Racial da Criança Negra na Educação Infantil. **Revista Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.1-16, jun/ago. 2008.

VALENTE, Ana Lucia. Ação afirmativa, relações raciais e Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 62-77, jan.-abr. 2005.

APÊNDICE A - Plano de aula para Educação Infantil: Identidade e valorização das diferenças.

Duração da aula: 01 dia (Período matutino e vespertino).

Faixa etária: 03 a 06 anos.

INTRODUÇÃO

É na infância que as crianças vão construindo suas identidades e se reconhecendo enquanto sujeitos. Buscamos através da literatura, da arte e da ludicidade, trabalhar a identidade das crianças por meio da valorização de suas diferenças e características individuais, abordando questões voltadas às relações étnico-raciais e reconhecendo a importância da cultura afro-brasileira em nossa constituição enquanto povo brasileiro.

OBJETIVOS

- Resgatar e valorizar a história da África e da cultura negra;
- Trabalhar a identidade étnico-racial de modo a contribuir para o empoderamento de todas as crianças;
- Valorizar a diversidade e o buscar romper com padrões sociais estigmatizadores, estereótipos e preconceitos;
- Promover a ludicidade e o processo criativo através da ampliação de repertórios literários e artísticos.

METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS

1º momento: Contação da história “As tranças de Bintou” de Sylviane Anna Diouf.

- Em roda, realizar a leitura do livro junto com as crianças. Após a contação pode-se conversar com as mesmas sobre nossas diferenças, apontando que cada um possui características distintas e que isso nos torna únicos, salientando as qualidades que cada um tem, buscando romper com estereótipos estéticos.

2º momento: Apresentando o mundo da arte.

- Apresentar às crianças artistas que retrataram a diversidade em suas telas, como Tarsila do Amaral nas obras “Operários” e “Família”; Djanira da Motta e Silva e Di Cavalcanti que expuseram em suas pinturas diversos aspectos da cultura e estética nacional.

3º momento: Como sou?

- Propor às crianças que façam autorretratos, incentivando que se olhem no espelho e percebam suas características, tamanho e formato da boca, do nariz, cor dos cabelos, dos olhos, da pele, etc. Após isso, disponibilizar aquarela de diversas cores, incluindo tons pastéis e amarronzados para que possam fazer misturas, e obter os tons desejados. É importante que o/a professor/a observe esses momentos, mediando e auxiliando as crianças a se identificarem e perceberem suas características no espelho. Após confeccionarem seus autorretratos, pode ser feito junto com as crianças um grande painel expondo suas produções.

4º momento – Oficina de Abayomi.

- Dividir as crianças em pequenos grupos para esta proposição. Explicar a origem da boneca de pano, salientando que é uma arte histórica da cultura africana. Explicar o significado da palavra Abayomi, (abay = encontro e omi = precioso) do Iorubá, que significa aquele que traz felicidade e alegria, e que quando dada para alguém representa um encontro precioso, onde damos o melhor de nós. Disponibilizar tecidos diversos e auxiliá-las na produção mostrando

imagens de diversas bonecas Abayomi como referência. Cada criança pode confeccionar duas bonecas, para que uma seja dada de presente para alguém especial.

RECURSOS

- Livro;
- Imagens das obras e pinturas;
- Folhas A4, aquarela e tintas diversas, pincéis, lápis, etc.;
- Tecidos diversos e cola.

APÊNDICE B - Plano de aula para Educação Infantil: Abordando a deficiência visual.

Duração da aula: 05 dias (Período matutino e vespertino).

Faixa etária: 06 anos.

INTRODUÇÃO

Por julgarmos importante a inclusão efetiva de todas as crianças na educação básica, aqui mais especificamente aquelas que apresentam deficiência visual, explanaremos sobre possíveis alternativas didático pedagógicas que possibilitem a plena participação das crianças cegas nas propostas realizadas.

OBJETIVOS

- Apresentar livros e narrativas que possuam diferentes texturas para identificarem personagens e elementos.
- Construir junto com as crianças maquetes em alto relevo, com o objetivo de perceberem espaços e lugares da creche.
- Organizar propostas em que a musicalidade e a sonoridade sejam contempladas, através da percepção sonora no espaço.

METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS

1º momento: Contação da história “Um mundinho para todos” de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.

- Realizar a leitura do livro junto com as crianças. Problematizar as diferenças apresentadas sobre os homens do mundinho e sobre nós mesmos, valorizando nossas características. Permitir que todos leiam a impressão e os desenhos em BRAILLE.

2º momento: Construção de uma maquete.

- Percorrer os espaços da creche e juntos confeccionar uma maquete em alto relevo, com o objetivo de perceberem espaços e lugares do cotidiano.

3º momento: Sonoridade.

- Organizar propostas em que a musicalidade e a sonoridade sejam contempladas. Pode-se fazer uma caça aos instrumentos, no qual as crianças deverão se guiar apenas pelo som e localizá-los nos espaços.

RECURSOS

- Livro;
- Sucatas e materiais diversos; Tintas; Pincéis;
- Instrumentos musicais.

APÊNDICE C - Plano de aula para Educação Infantil: Brincadeiras de criança.

Duração da aula: 02 dias (Período matutino e vespertino).

Faixa etária: 02 a 06 anos.

INTRODUÇÃO

As questões de gênero estão presentes em diversos momentos do cotidiano da Educação Infantil, desde as brincadeiras e brinquedos escolhidos pelas crianças, até o vestuário e a cor que elegem. Desconstruir papéis sociais demarcados nas brincadeiras infantis é fundamental para o rompimento e reprodução de estereótipos.

OBJETIVOS

- Romper com estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis.
- Possibilitar diversas brincadeiras às crianças que permitam experimentar vários saberes e fazeres.

METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS

1º momento: Contação da história “Anton e as meninas” de Ole Könnecke.

- Realizar a leitura do livro junto com as crianças. Problematizar as habilidades de Anton questionando se as meninas também não as possuem. Evidenciar as qualidades e habilidades de cada um sem reforçar estereótipos de gênero.

2º momento: Banho de bonecas.

- Realizar um banho de bonecas em um espaço aberto, ofertando banheiras, bacias, bonecas, shampoos, toalhas e demais acessórios para a brincadeira.

3º momento: Brincadeiras sob rodas.

- Eleger um dia para que todas as crianças levem brinquedos que possuam rodas, podem ser carrinhos, bicicletas, patinetes. Confeccionar pistas grandes no chão para que possam transitar e interagir com as demais crianças.

RECURSOS

- Livro;
- Bonecas; banheiras; bacias; toalhas; roupinhas.
- Pistas;

**ANEXO A – Tabela de identificação dos livros encontrados na categoria
Diversidade/Etnia/Gênero**

Categoria Diversidade / Etnia / Gênero		
Título	Autor	Quantidade de exemplares
A África está em nós	Jeruse Maria Romão	1
A árvore maravilhosa	John Kilaka	1
A capitania do Ouro e sua gente	Alfredo Boulos Júnior	1
A revolução mexicana	Mariza de Carvalho Soares	1
Abaré	Graça Lima	1
Africanidades - A história dos africanos no Brasil	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - A influência africana no nosso idioma	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades – Artes	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Atualidades em africanidades	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Festas populares	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Folclore e lendas	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Jogos, brincadeiras e cantigas	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Personalidades e personagens	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades - Religião africana no Brasil	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Africanidades -Culinária afro-brasileira	Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora	1
Ana e Ana	Célia Godoy	1
Anton e as meninas	Ole Konnecke	5
Arca de ninguém	Mariana Caltabiano	1
As serpentes que roubaram a noite e outros mitos	Daniel Munduruku	1
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	1
Awyató-pót - Histórias indígenas para crianças	Tiago Hakiy	1
Cabelo doido	Neil Gaiman e Dave Mckean	1
Cartas entre Marias - Uma viagem à Guiné-Bissau	Virginia Maria Yunes	1
Chico rei	Renato Lima	1
Ciranda brasileira	Elias José	1
Ciranda das diferenças: O problema da centopeia Zilá	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: A esperança de Jubinha	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: A descoberta de Leila	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: A dieta de Jorge	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: Nada como o lar	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: O amor em todas as cores	Márcia Honora	1

Coleção Ciranda da diversidade: Um presente de meus pais	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: Um senhor amigo	Márcia Honora	1
Coleção Ciranda da diversidade: Uma lição de carinho	Márcia Honora	1
Com quem será que eu me pareço?	Georgina Martins	1
Diversidade	Tatiana Belinky	2
Draguinho diferente de todos, parecido com ninguém	Claudio Galperin	1
É assim que eu sou!	Ciranda Cultural	1
História dos lobos de todas as cores	Meneer Zee e Gitte Vancoillie	1
Histórias da Índia	Eunice de Souza	1
Kanassa - O grande pajé	Claudio e Orlando Villas Bôas	1
Kumba e o tambor diambê	Madu Costa	1
Lendas do Japão	Sylvia Manzano	1
Mãe África - Mitos, lendas, fábulas e contos	Celso Sisto	1
Mãe Dinha	Maria do Carmo Galdino	1
Margarida quer ser pata	Gilka Girardello	1
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	1
Meninas negras	Madu Costa	1
Meninos de verdade	Manuela Olten	5
Mundaréu	Celso Sisto	1
O engenho e sua gente	Alfredo Boulos Júnior	1
O onça	Daniel Munduruku	1
Os sete novelos - Um conto de Kwanzaa	Angela Shelf Medearis	2
Outros contos africanos para crianças brasileiras	Rogério Andrade de Barbosa	1
Pedro e Tina (Uma amizade muito especial)	Stephen Michael King	1
Pena quebrada (o indiozinho)	João Geraldo Pinto Ferreira	1
Que cor é a minha cor?	Martha Rodrigues	1
Rosita Maria Antonia Martins da Silva	Ana Terra	1
Salão Jaqueline	Mariana Massarani	1
Tainãly, uma menina Maraguá	Lia Minápoty	1
Tecendo o amor	Márcia Honora	1
Um mundinho para todos	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	1
Um sonho que não parecia sonho	Daniel Munduruku	1
Uma zebra fora do padrão	Paula Browne	1
Vida de criança	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	1
Vizinho, vizinha	Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello	1

	Analisado	60
	Emprestado	1
	Não localizado	5